

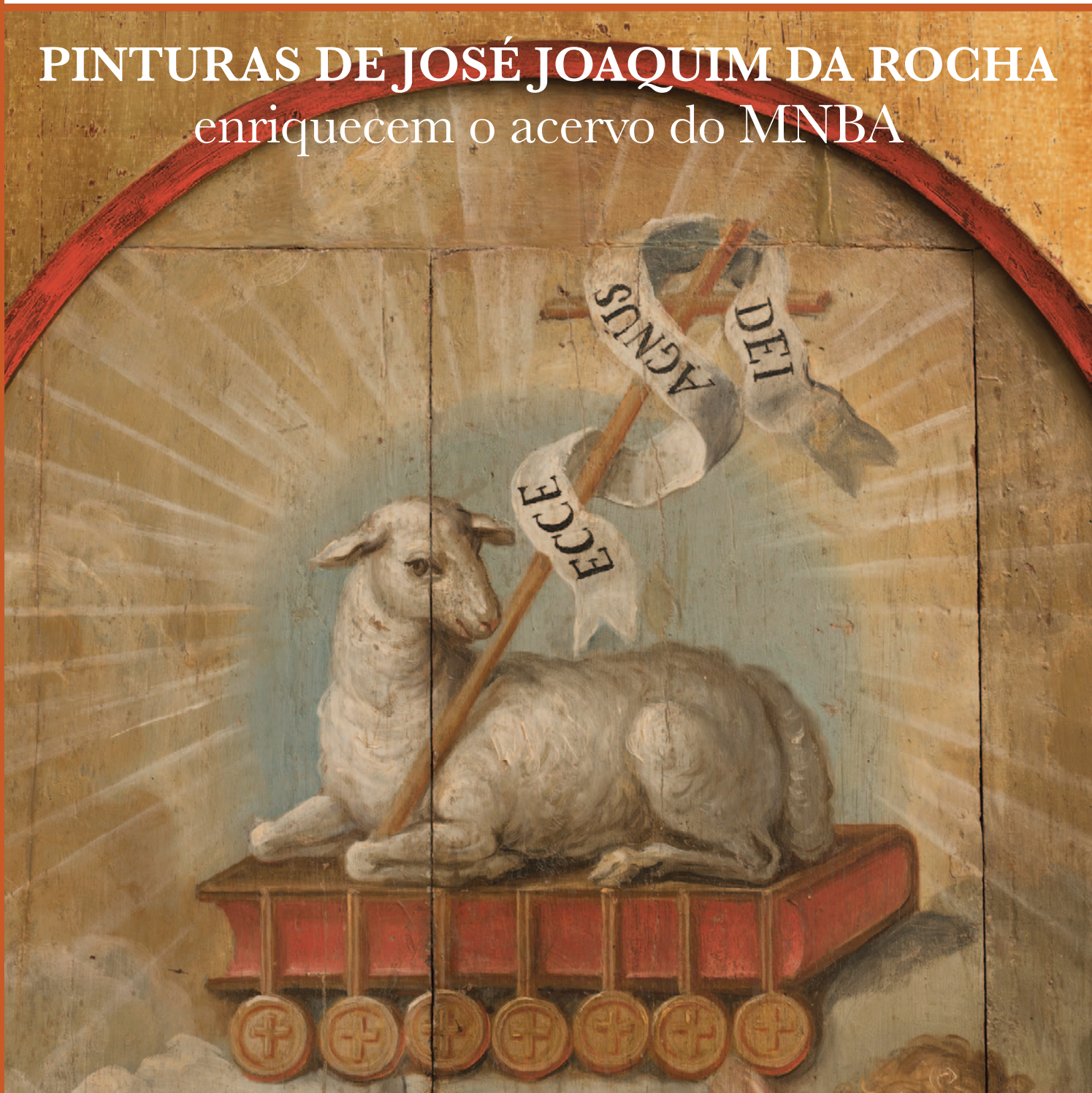
# OXIGÊNIO

AGOSTO 2023

o

NÚMERO 48

PINTURAS DE JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA  
enriquecem o acervo do MNBA



# EDITORIAL

## PROJETO INÉDITO AMPLIA O ACERVO DE ARTE BRASILEIRA DE 30 MUSEUS DO PAÍS

Para que o Brasil se reconheça em sua arte, e que essa arte possa ser apreciada por todos, uma ação sem precedentes mobiliza colecionadores, o mercado de arte e diversas empresas para doar obras de arte brasileira para dezenas de museus pelo país.

O projeto, “*Movimento de Aquisição de Obras para Museus Brasileiros*”, começa a dar seus frutos: em abril, com a aquisição de uma imagem de Nossa Senhora do Presépio, datada do século XVII, para o Museu Palácio da Sé, em Salvador; agora, no Rio de Janeiro, com a doação de cinco pinturas setecentistas de autoria do mestre José Joaquim da Rocha (1757-1807) – considerado o maior expoente da chamada Escola Baiana de Pintura – ao Museu Nacional de Belas Artes.

Essas pinturas raríssimas foram criadas para as laterais da Igreja de São Pedro Velho Extramuros, que ficava no centro de Salvador – e que foi demolida em 1913, em nome da “modernização” da cidade. O patrocínio da Fundação Cultural Vale realiza um grande sonho, além de preencher uma lacuna importante: são as primeiras obras de José Joaquim da Rocha a integrar o acervo do Museu Nacional de Belas Artes.

Você confere, na página 16, a importância desse projeto que não só preserva a arte brasileira como a oferece, gratuitamente, à justa fruição do público, em cada museu beneficiado.

Boa leitura!

Capa: José Joaquim da Rocha, *Alegoria Agnus Dei*, *detalhe* – Foto: Vicente de Mello

Jornalista Responsável: Vera Matagqueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone  
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato  
Colaboradora: Maurette Brandt

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | [oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com) | [www.oxigeniorevista.com](http://www.oxigeniorevista.com)  
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

# ÍNDICE

04

**OXIGENE:** “*A Vida das Bonecas Vivas*” tem sessões grátis no SESI São José dos Campos | “*Furacão*” estreia no Rio de Janeiro e celebra 25 anos de formação do Amok Teatro | “*Ôtelo, o Outro*”, uma releitura da obra de Shakespeare | “*Um coração de Van Gogh*” na Casa de Cultura Laura Alvim, RJ | I Festival Nacional de Curtas Flávio Migliaccio

16

**MATÉRIA DE CAPA:** Cinco pinturas setecentistas de José Joaquim da Rocha agora fazem parte do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro

22

Rodrigo de Castro – Entre Formas e Cores

26

*Marta Minujín: Ao Vivo* – Maior exposição panorâmica já realizada sobre a artista argentina no Brasil ocupa as sete salas da Pinacoteca de São Paulo

32

Leonilson e a Geração 80

36

*Deitar o vermelho sobre o papel branco para bem aliviar seu amargor*  
Individual de Fábio Baroli na Zipper Galeria, SP

39

“*Bandeiras e Cores Entre Nós*” chega ao Ceará no dia 18 de agosto

42

“*Habitar o centro do mundo*” – Exposição reúne trabalhos de Marga Ledora na Aura Galeria, SP

44

*Deriva Afetiva* – Panmela Castro abre exposição no Rio com obras criadas durante residência artística na África

48

Agosto fotográfico em Brasília

53

51º Festival de Cinema de Gramado – Filmes em competição

57

*Môa, Raiz Afro Mãe* – História de Môa do Katendê, assassinado por intolerância política, chega aos cinemas dia 3

59

*Tosca em Concerto* e *a Musicoteca de Mário de Andrade* no Theatro Municipal de São Paulo

62

**DIRETO DE LONDRES:** Galeria Kupfer, uma incubadora de talentos



Foto: Dani Sandrini

## A VIDA DAS BONECAS VIVAS, de Dan Nakagawa, tem sessões grátis no SESI São José dos Campos

*Inspirado nas Living Dolls, o espetáculo de dança-teatro traz uma leitura contemporânea do butô e kabuki, tendo Helena Ignez como atriz convidada*

Com estética recheada de referências do butô, do kabuki e da dança contemporânea, *A Vida das Bonecas Vivas*, concebido e dirigido por Dan Nakagawa, parte do movimento das *Living Dolls* para tratar de existências humanas à margem de uma sociedade que cerceia a diversidade e a subjetividade. A encenação surge

como uma resposta-celebração para uma existência possível no mundo patriarcal e embranquecido.

A ficha técnica tem Helena Ignez como atriz convidada (participação gravada em vídeo), Bogdan Szyberde (polonês, radicado na Suécia) na provocação cênica,

Lucas Vanatt como dramaturgista e Anderson Gouvea na coreografia que integra o elenco junto com Alef Barros, Gui Tsuji, Henrique Hadachi e Vivian Petri.

*A Vida das Bonecas Vivas* é inspirado na comunidade global *Living Dolls*, na qual homens se vestem com máscaras, roupas de silicone e seios protéticos a fim de se transformarem em bonecas vivas. Surgido nos anos 80, atualmente o movimento tem mais adeptos na Alemanha, Reino Unido e EUA. A montagem investiga questões existenciais, de identidade, filosóficas e artísticas na construção psíquica da personalidade em busca de um duplo como forma de transcender a própria existência. E, pelas sutilezas, tensões cênicas e subjetivas, revela a maneira como a instauração dessa nova persona afeta a identidade e, por consequência, a dança do corpo transformado.

Em um lugar atemporal, o enredo fala de pessoas que precisam existir de forma oculta. Borrando as fronteiras entre dança, teatro e performance, Dan Nakagawa traz para o espetáculo a mesma desconstrução do olhar normatizante em relação à sexualidade, gênero e expressão artística. Preocupa-se em como expandir e discutir as novas formas de existência que estão além dos padrões estabelecidos. A encenação ocorre em um ambiente que imprime a ideia de sonho. Os atores-bailarinos-performers são envolvidos por atmosferas lúdicas nas quais a cor branca sugere o infinito. O figurino remete à vestimenta plastificada da cultura *living dolls*, trazendo uma mobilidade contida para os corpos e, ao mesmo tempo, conferindo-lhes uma estética ora lírica, ora grotesca e ora bufônica. A trilha sonora também é criação de Nakagawa para o diálogo direto com as coreografias.

Foto: Dani Sandrini



O encenador afirma que o espetáculo faz uma incursão nesse universo, partindo da pesquisa dos movimentos e das gestualidades desses homens em seus trajes de borracha, como uma “segunda pele”, fisicamente restritivos, mas libertadores ao possibilitar uma nova persona. O diretor conta que buscou elementos em sua ancestralidade oriental para construir a estética das cenas.

*“Fui buscar caminhos na expressão e intensidade do butô, no qual o ‘estado’ de dança passa pela necessidade da morte para o renascimento, e visitei o kabuki, com sua dramaticidade fluida em canto, dança e expressiva maquiagem, para chegar com liberdade a um conceito mais pop, mais contemporâneo, nesse híbrido de dança e teatro, onde movimentos e sons geram os estados físicos no performer”*, afirma Dan. E explica que o texto é coreografado, que a palavra é resultado do estado físico desses performers em cena.

Segundo o diretor, as personagens de *A Vida das Bonecas Vivas* vão ao encontro de sua sombra, de seu duplo, tendo por base conceitos da psicanálise como o

*‘estranho-familiar’*, de Sigmund Freud, o *‘nosso outro no espelho’*, de Jacques Lacan, o *‘retornar a si pela experiência do outro’*, de Antonin Artaud. Ele conta que usou também como referência os trabalhos do dramaturgo e coreógrafo grego Dimitris Papaioannou, da companhia de dança Cena 11 e do performer e coreógrafo japonês Hiroaki Umeda para trazer à tona perspectivas de um renascimento identitário que transponha os limites do engessamento social e dos papéis desempenhados diariamente.

### SERVIÇO

#### **Espectáculo *A Vida das Bonecas Vivas***

*Datas:* 23 e 24 de agosto – quarta e quinta, às 20h

*SESI São José dos Campos – Teatro*

Av. Cidade Jardim, 4389, Bosque dos Eucaliptos,

São José dos Campos / SP – Tel.: (12) 3919-2000

*Ingressos:* Grátis – Reservas pelo site

<https://www.sesisp.org.br/eventos>

*Capacidade:* 4850 lugares

*Duração:* 80 min.

*Classificação:* 14 anos

*Gênero:* Dança-teatro





Foto: Sabrina Paz

*Furacão* é uma criação baseada na obra homônima do premiado escritor francês Laurent Gaudé. Ao apresentar personagens da comunidade negra dos bairros pobres de Nova Orleans diante da violência do furacão Katrina, que devastou o sul dos Estados Unidos, em 2005, a obra de Gaudé mergulha nos corações e mentes dos sobreviventes. Com discurso arrebatador, marcado tanto pela tragédia clássica como pela música

popular do sul dos EUA, a narrativa do espetáculo alcança questões complexas no que diz respeito à ética, revelando que os mais pobres foram os únicos a ficarem para trás depois do alerta de tempestade.

Dirigido por Ana Teixeira e Stephane Brodt, que também assinam a adaptação do texto de Laurent Gaudé, *Furacão* coloca em cena uma poderosa personagem

# FURACÃO

estreia no  
Rio de Janeiro  
e celebra 25 anos  
de formação  
do Amok Teatro

*Com texto de Laurent Gaudé,  
direção e adaptação de Ana  
Teixeira e Stephane Brodt,  
o espetáculo inédito do Amok  
Teatro tem sua estreia nacional  
dia 3 de agosto, no Espaço Cultural  
Municipal Sérgio Porto*

feminina – uma espécie de *griot* americana – trazendo um tema urgente: a situação dos excluídos diante das catástrofes climáticas que devastam o planeta. No coração da tempestade, Joséphine Linc Steelson, uma negra de quase cem anos, marcada pela segregação racial, enfrenta a fúria da natureza. O espetáculo segue a trajetória desta mulher cuja história poderia ser também a história de tantas mulheres brasileiras.

*Furacão* fala sobre o Katrina, sobre suas vítimas e sobre os que sobreviveram, mas fala sobre o peso da de-

sigualdade em momentos de tragédia. Uma narrativa que mistura a gravidade do trágico com a doçura da fábula, para exaltar a beleza comovente daqueles que, apesar de tudo, permanecem de pé. No elenco, as atrizes Sirlea Aleixo e Taty Aleixo, e os músicos Anderson Ribeiro e Rudá Brauns.

### **EM FURACÃO O TEATRO E A MÚSICA SE JUNTAM NUM ATO ÚNICO**

Com uma linguagem cênica híbrida, *Furacão* apoia-se tanto no teatro como na música para instaurar a cena

Foto: Sabrina Paz





ritual e cerimonial – que caracteriza os trabalhos do Amok – onde contemporaneidade e ancestralidade dialogam para trazer uma África em diáspora: a comunidade negra do Sul dos EUA. Transitando entre a palavra e o canto, a música tem um enorme destaque na narrativa. A riquíssima cultura musical negra estadunidense (em particular, o blues) é a referência para uma trilha musical original, mesclando diferentes instrumentos, sem perder de vista a sua função dramaturgica.

Após a estreia, a trilha sonora do espetáculo vai estar disponível nas principais plataformas de streaming.

### **INTERCÂMBIO ENTRE ARTISTAS**

O intercâmbio entre artistas, formação e ações educativas são uma prática fundamental do Amok Teatro para gerar uma cultura viva e por isso o projeto *Furacão* realiza oficinas gratuitas dirigidas a profissionais, estudantes e coletivos teatrais, promovendo uma dimensão do teatro que não se limita à produção de espetáculos. Serão oferecidas três oficinas ministradas pelas diretoras Ana Teixeira e Stephane Brodt.

### **SERVIÇO**

#### **Espectáculo *Furacão***

*Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto*  
Rua Humaitá, 163, Humaitá, Rio de Janeiro / RJ  
Tel.: (21) 2535-3846

*Temporada:* 3 a 27 de agosto

*Dias e horários:* de quinta à sábado, às 20h,  
e domingos, às 19h

*Ingressos:* R\$30 e R\$15

*Duração:* 70 min. | *Classificação:* 12 anos





Foto: Julieta Bacchin

## OTELO, O OUTRO

### uma releitura da obra de Shakespeare

*O espetáculo Otelo, o Outro estreia no dia 18 de agosto, na Sala Jardel Filho do Centro Cultural São Paulo, com ingressos gratuitos. Encenada por Miguel Rocha e com dramaturgia de Israel Neto, Joaci Pereira Furtado e Kenan Bernardes, a montagem é uma releitura do clássico Otelo, o Mouro de Veneza, de William Shakespeare (1564-1616)*

Partindo do protagonista da tragédia shakespeariana, a peça é uma reflexão poética sobre a identidade do sujeito negro em diáspora. *Otelo, o Outro* propõe uma viagem interna em que a personagem vai se estranhando. Delírio, sonho ou pesadelo, essa viagem faz a personagem de Shakespeare encarar outros dois “Otelos” que o habitam e que o guiam num caminho tão intrincado quanto doloroso, que passa necessariamente

por Desdêmona, mas percorre outras sendas, explorando ambiguidades e aporias da memória e da identidade afrodiaspóricas, marcadas pelo deslocamento social e cultural.

Ao Otelo shakespeariano não resta outra saída a não ser o suicídio, depois que ele toma ciência do ardil que o levou ao assassinato de Desdêmona, insuflado pela

cizânia que Iago plantara com “evidências” e que, aos olhos do protagonista, tornaram-se inegáveis. Esse núcleo do enredo da célebre tragédia é o ponto de partida para a sua releitura em *Otelo, o Outro*, entendendo que a razão de todo o conflito do protagonista nasce de sua condição de estrangeiro – isto é, de alguém socialmente sempre estranho.

Hábil na arte da guerra, o Otelo de Shakespeare é facilmente enredado em intrigas típicas da sociedade de corte europeia que o levam ao feminicídio e ao suicídio, ciente de que nela não há lugar para ele. Na releitura brasileira, tal deslocamento não é a mera inadequação do indivíduo moralmente fraco e emocionalmente suscetível, inepto na percepção das armadilhas da inveja e da ambição, mas o confronto desigual entre duas culturas inconciliáveis, ainda que interdependentes. A encenação pensa a personagem em nossa sociedade pela perspectiva da subjetividade negra, pela consciência dos sintomas e pelas experiências sociais que determinam sua existência: o olhar do outro.

*Otelo, o Outro* representa um homem inventado como “negro” pelo olhar ocidental, um sujeito que se submete a esse olhar, tentando se integrar por inteiro – “de corpo e alma”. O casamento com Desdêmona – uma mulher branca da elite – é a metáfora dessa entrega incondicional a um sistema de valores e a comportamentos que o estigmatizam como “o mouro”, ao mesmo tempo que se serve dele. A cegueira do ciúme é uma alegoria dessa apaixonada adesão. Sua corporeidade, portanto, é o índice e o limite que o separa irrevogável e irreversivelmente desse “Ocidente” que ele deseja literalmente incorporar. A releitura, porém, fala de uma consciência dividida que, aos poucos, vai percebendo a origem do conflito que a fustiga.

Nessa releitura, Otelo encontra seus outros “eus”, cujas falas foram extraídas de histórias reais de homens pretos brasileiros contemporâneos ou dos discursos do racismo difuso presente na sociedade. Assim, sem filtros e sem superego, um alter ego de Otelo diz verdades incômodas, dramatizando a perversidade da adesão inconsciente do homem negro ao jogo que o inventa como “negro”. Menos contundente, o outro alter ego é ponderado: ele chama à razão e sugere uma resiliência tática, uma estratégia de sobrevivência diante de algo mais forte, talvez insuperável, perpassada pela solidão.

## SERVIÇO

### Espectáculo *Otelo, o Outro*

*Temporada:* 18 de agosto a 3 de setembro

*Centro Cultural São Paulo – Sala Jardel Filho*

321 lugares. Acessibilidade para PCD.

Rua Vergueiro, 1000, Paraíso, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3397-4023 – <https://centrocultural.sp.gov.br/>

*Horários:* quinta a sábado, às 20h, e domingo, às 19h

*Apresentações extras:* dias 24/8, 25/8, 31/8 e 1/9, às 15h

*Duração:* 120 min. | *Classificação:* 16 anos | *Gênero:* Drama

*Ingressos:* Gratuitos – Reservas pelo <https://rvsservicosccsp.byinti.com/#/ticket/>

Foto: Julieta Bacchin





Foto: Andrea Rocha

A figura do gênio incompreendido acompanhou grandes nomes da arte mundial. Os conflitos emocionais, a vida desregrada, os atos passionais, os distúrbios psiquiátricos e as dificuldades financeiras estão na biografia de personalidades que entraram para a posteridade. A possibilidade de estabelecer conexões entre essas vidas

## UM CORAÇÃO DE VAN GOGH

*Na Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, o drama expõe os conflitos na relação entre um pintor angustiado e seu mecenas na França da belle époque*

turbulentas e a sociedade contemporânea motivou o dramaturgo Rômulo Pacheco a criar uma trilogia dos artistas. Com direção de Ticiane Studart, o espetáculo *“Um coração de Van Gogh”*, na Casa de Cultura Laura Alvim, RJ, até dia 20, inspirado em trechos da vida do pintor holandês, é a segunda parte desta trilogia, iniciada com a peça *“Saliva de Rimbaud”* (2015).

*“Apesar das dificuldades que tiveram, e não foram poucas, esses artistas conseguiram projetar suas vozes em alto e bom som, contribuindo assim de forma visceral para a construção da sensibilidade e consciência humanas. Eles foram reconhecidos artisticamente apenas depois da morte, passando por toda a sorte de acontecimentos, muitos dos quais, extremamente desfavoráveis”, observa o autor.*

Como um dos precursores do expressionismo, Van Gogh criou telas de tons vibrantes e imagens distorcidas. Certo desconforto provocado por essas obras inspiram o clima do espetáculo, que aborda as relações entre arte, sonho e distúrbios psiquiátricos. *“Quero fazer uma reflexão sobre a neurodiversidade. O autor*



Foto: Andrea Rocha

*procurou expor essa questão por meio do personagem Thuja, que tem as características e alma de Van Gogh. Junto a alternância de humor da personagem, conhecemos quem o cerca, e percebemos como é fácil fazer mal a um divergente”, conta Ticiania.*

A peça acompanha a vida de Thuja (Daniel Ericsson), pintor francês da belle époque, miserável, maníaco-depressivo e que ama demais. Um gênio que vive à margem da sociedade. Faz uso abusivo de álcool e drogas. Está em crise, às voltas com o tratamento psiquiátrico da época. Falta-lhe tudo: inspiração, amor, equilíbrio emocional e dinheiro. Só não lhe falta sexo, que consegue pagando prostitutas com o dinheiro de Otto (Xando Graça), um célebre homem das artes que, encantado com a sua obra, decide ser seu mecenas. Vive em um apartamento alugado por Otto, de quem depende financeiramente e em quem deposita a esperança de alcançar visibilidade e, principalmente, o dinheiro necessário para abandonar a vida miserável. Mas Thuja põe tudo a perder quando cisma com Sylvie (Renata Gasparim), uma moça leviana e ambiciosa, e se envolve com Lua (Vitória Furtado), uma prostituta.

*“Tudo gira em torno de um artista profundamente tocado pela arte e pelos distúrbios psiquiátricos. Um artista que se relaciona com o mundo através da alteridade de seu olhar excêntrico, incomum e, tragicamente, incompreendido”, explica o autor Rômulo Pacheco. “Às vezes, nosso ser atrapalha a funcionalidade da vida. Talvez seja porque é dessa angústia infinda que saem as maiores obras... Um caso a se estudar”, completa Ticiania.*

## SERVIÇO

### Espectáculo *Um coração de Van Gogh*

Até 20 de agosto

Teatro Laura Alvim

Av. Vieira Souto, 176, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2332-2016

*Dias e horários:* sexta e sábado, às 20h e domingo, às 19h

*Ingressos:* R\$ 50 (inteira) e R\$ 25 (meia)

*Lotação:* 190 lugares | *Duração:* 1h30

*Classificação:* 16 anos

*Venda de ingressos:* bilheteria do teatro ou no site

<https://funarij.eleventickets.com>

## I FESTIVAL NACIONAL DE CURTAS FLÁVIO MIGLIACCIO



Foto: Divulgação

*Cinemateca do MAM Rio de Janeiro recebe Festival de Curtas e exposição de fotos em homenagem a Flávio Migliaccio. O evento começa no dia 26 de agosto, data que o ator faria 89 anos*

O I Festival Nacional de Curtas Flávio Migliaccio recebeu 168 produções de todo o país, nas categorias animação, documentário, experimental e ficção, dos quais 16 jurados selecionaram 16 produções nas respectivas categorias, e que receberão o Troféu do Festival nos dias 26 e 27 de agosto, na Cinemateca do MAM. A entrada é franca.

Idealizador e diretor do FESTFLÁVIO, o cineasta Francis Ivanovich destaca a participação de produções na categoria ficção que têm em seus elencos grande atrizes e atores brasileiros, como Camila Amado, Tonico Pereira, Caio Blat, Juliane Araújo, Osmar Prado, Samir Murad, Davi Reis, entre outros.

Na categoria documentário, temas como a luta de família no Mato Grosso frente ao poder do agronegócio, o preconceito que as mulheres enfrentam no mercado da música, a luta de um artista popular no agreste de Pernambuco para manter as tradições, e a violência que extermina a vida de jovens na Baixada Fluminense, são os destaques.

Filmes que inovam na linguagem ao falarem sobre o racismo, sobre como o planeta está sendo maltratado, e sobre a saudade que atinge uma família com perda de um ente amado na pandemia, estão na categoria experimental. Para os pequenos, serão exibidas quatro animações.

*“A realização de um festival de cinema sempre foi um ato celebratório, quer da relação do público com a arte das imagens em movimento, quer de promoção de novas criações para as diversas telas que nos acompanham desde fins do século XIX. A proposição do I Festival de Curtas Flávio Migliaccio – FESTFLÁVIO é tanto uma homenagem ao doce Tio Maneco e ao eterno Xerife, como uma celebração do compromisso do ator, produtor, diretor e roteirista Flávio Migliaccio, sobretudo com a arte da interpretação e da realização au-*

*divisual, em termos artísticos, políticos e humanos. A escolha da data no dia do seu aniversário, completa a homenagem”, afirma Francis.*

### EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

Integram o FESTFLÁVIO cerca de 50 fotografias sobre a vida e um pouco da carreira de Flávio Migliaccio. As fotos são do acervo da família e foram emprestadas pelo jornalista e documentarista Marcelo Migliaccio, filho do artista. A Cinemateca do MAM digitalizou, reproduziu e emoldurou as imagens. As fotos ficarão expostas no corredor de acesso à sala de exibição.

Também nessa exposição, o público conhecerá o Flávio desenhista e chargista.

### SERVIÇO

**I Festival de Curtas Flávio Migliaccio – FESTFLÁVIO**  
Cinemateca do MAM RJ

Av. Infante Dom Henrique, 85, Aterro do Flamengo,  
Rio de Janeiro / RJ – Tel: (21) 3883-5600

<https://mam.rio/cinemateca/>



O idealizador e diretor do FESTFLÁVIO, o cineasta Francis Ivanovich

Foto: Divulgação

Cinco pinturas  
setecentistas de  
**JOSÉ JOAQUIM  
DA ROCHA**  
são incorporadas  
ao acervo do  
Museu Nacional  
de Belas Artes,  
no Rio de Janeiro

José Joaquim da Rocha,  
*David tocando harpa*  
Foto: Vicente de Mello







*Obras serão entregues no dia 15 de agosto e ficarão em exposição no Museu da República até outubro, em programa de intercâmbio de acervos dos museus do IBRAM. A aquisição, com o patrocínio do Instituto Cultural Vale, faz parte do Projeto Movimento de Aquisição de Obras para Museus Brasileiros*

Com o objetivo de cobrir lacunas nos acervos dos museus do país, o *Projeto Movimento de Aquisição de Obras para Museus Brasileiros* – com patrocínio do Instituto Cultural Vale, estimula parcerias entre coleções, iniciativa privada e museus. A iniciativa prevê o resgate e a democratização do acesso a importantes exemplares do acervo artístico colonial brasileiro.

O aparceramento com o setor privado para aquisição de obras de relevantes coleções particulares para os acervos dos museus públicos, por intermédio do programa da Lei Rouanet, é fundamental para as instituições museais do país. Além de garantir a preservação dessa herança cultural no Brasil, oferece à população o direito de apreciá-la a qualquer tempo, gratuitamente. O projeto é apoiado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura.

O projeto teve início na Bahia, em abril deste ano, com a aquisição de uma imagem de Nossa Senhora do Presépio, datada do século XVII, para o Museu Palácio

da Sé, em Salvador. Agora chega ao Rio de Janeiro, com o conjunto de pinturas de José Joaquim da Rocha, que pertenciam originalmente à antiga Igreja de São Pedro, Freguesia de São Pedro Velho Extramuros, na capital baiana, demolida em 1913 em prol da “modernização da cidade”.

José Joaquim da Rocha (1737-1807) é considerado um dos grandes mestres do Barroco nacional. Foi fundador da Escola Baiana de Pintura e influenciou duas gerações de continuadores, que preservaram princípios da sua estética até meados do século XIX. Entre as suas obras mais notáveis consta a *“Glorificação da Imaculada Conceição”*, pintura no teto da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em Salvador, considerada sua obra-prima.

Com o desaparecimento de igrejas e construções do Brasil Colônia, muitas obras de mestres barrocos como José Joaquim da Rocha e José Theophilo de Jesus foram destruídas ou adquiridas por particulares. E muitos



museus do país têm carência desse acervo historicamente tão rico e fundamental. O Museu Nacional de Belas Artes é um exemplo importante: sua pinacoteca oferece um panorama singular sobre a pintura brasileira, mas até agora não possuía obras da relevante Escola Baiana de Pintura.

*“As cinco pinturas doadas pelo Instituto Cultural Vale ao MNBA – Alegoria Agnus Dei; Alegoria Pelicano; David tocando harpa; Sacerdote oferecendo pão e vinho e Sumo Sacerdote de Israel – teriam sido produzidas pelo mestre para as laterais da igreja de São Pedro Velho Extramuros, que foi demolida antes da criação do Iphan”, revela o curador e crítico de arte Paulo Herkenhoff, ex-diretor do Museu Nacional de Belas Artes, que trabalha voluntariamente na campanha de doações para o museu.*

### UM PASSO GIGANTESCO

*“Esse é um passo gigantesco para que o mais importante museu de arte nacional avance na cobertura das suas*



José Joaquim da Rocha, *Sacerdote oferecendo pão e vinho*  
Foto: Vicente de Mello

grandes lacunas. O Museu Nacional de Belas Artes tem uma boa coleção da Escola Fluminense, alguma coisa da Escola Baiana de Pintura e da Escola Mineira, mas não havia nada do mestre José Joaquim da Rocha. Com as peças que o MNBA já tem, a instituição terá o melhor acervo de arte pictórica colonial no Brasil e também um importante conjunto de mestres de autoria identificada: mestre Ataíde, mestre Valentim, mestre Joaquim José da Rocha e outros que não existiam antes no MNBA”, orgulha-se Henkenhoff.

Entre as principais escolas de pintura no Brasil, surgidas com mais precisão no século XVIII, a Escola Baiana – para a maioria dos estudiosos – teria sido a mais erudita justamente graças a presença de José Joaquim da Rocha em Salvador. Sobre o local de nascimento do mestre da pintura barroca, entretanto, há várias versões.

“Não se sabe bem se nasceu em Portugal ou no Rio de Janeiro, sabe-se que foi um artista que esteve em Roma, Itália, onde seguramente terá visto ‘Il Gesù’, a primeira igreja jesuítica a ter os grandes painéis pintados no teto. No Brasil, a obra

José Joaquim da Rocha, *Alegoria Agnus Dei*

Foto: Vicente de Mello



*dele é sabida estar em Salvador (BA) – onde encontra-se a sua obra-prima, e também na Paraíba. Sabe-se também que ele teria deixado em torno de 250 obras, das quais as cinco adquiridas agora para o MNBA”, diz Herkenhoff.*

As cinco pinturas do mestre ficarão expostas no Museu da República ao longo de um mês e meio (de 16 de agosto a 1º de outubro). O Museu Nacional de Belas Artes está fechado para obras de restauração de seu edifício projetado em 1908. As mudanças compreendem as áreas externas e internas da instituição, com a implantação de novo sistema de segurança, de incêndio e rotas de fuga, além de requalificação de todo o sistema elétrico e melhorias nas condições de exposição nas galerias. A reinauguração está prevista para meados de 2024 com a introdução e celebração das novas peças.

### **INSTITUTO CULTURAL VALE**

O Instituto Cultural Vale parte do princípio de que viver a cultura possibilita às pessoas ampliar sua visão de mundo e criar novas perspectivas de futuro. Tem um importante papel na transformação social e busca democratizar o acesso, fomentar a arte, a cultura, o conhecimento e a difusão de diversas expressões artísticas do nosso país, ao mesmo tempo em que contribui para o fortalecimento da economia criativa.

São mais de 600 projetos criados, apoiados ou patrocinados em 24 estados e no Distrito Federal. Dentre eles, uma rede de espaços culturais



José Joaquim da Rocha, *Alegoria Pelicano*

Foto: Vicente de Mello

próprios, patrocinados via Lei Federal de Incentivo à Cultura, com visita gratuita, identidade e vocação únicas: Memorial Minas Gerais Vale (MG), Museu Vale (ES), Centro Cultural Vale Maranhão (MA) e Casa da Cultura de Canaã dos Carajás (PA). Onde tem Cultura, a Vale está. Visite o site do Instituto Cultural Vale:

[institutoculturalvale.org](http://institutoculturalvale.org)



José Joaquim da Rocha,  
*Sumo Sacerdote de Israel, detalhe*  
Foto: Vicente de Mello

## SERVIÇO

### Exposição *José Joaquim da Rocha – O Mestre da Escola Baiana de Pintura*

De 16 de agosto a 1º de outubro

*Museu da República*

R. do Catete, 153, Catete, Rio de Janeiro / RJ

*Horário:* de terça a sexta, de 10 às 17h

Aos sábados, domingos e feriados, 11h às 17h

## MOMENTO LUMINOSO

Paulo Herkenhoff considera a doação dos cinco painéis sobre madeira de José Joaquim da Rocha ao MNBA *“um momento dos mais luminosos da campanha para doações ao museu, para cumprimento das suas lacunas em todos os períodos históricos, tornando-se efetivamente nacional. Estamos angariando peças do Amapá ao Rio Grande do Sul. Já temos quase 300 artistas, colecionadores, galeristas, fundações, empresas doando peças que já superam o número de três mil. Vai ser o maior aporte ao MNBA desde D. Pedro II”*.

Herkenhoff conclui com algumas revelações: *“O Museu Nacional de Belas Artes irá oferecer ao público uma narrativa mais completa possível da história da arte brasileira, inclusive com as grandes agendas que enriquecem a arte brasileira do século XXI: arte dos afrodescendentes, arte indígena contemporânea, arqueologia – o que vai fazer com que o marco histórico da arte brasileira no MNBA não seja mais o Brasil holandês mas seja a arqueologia indígena. Estamos incluindo também um grande quantidade de mulheres, outros artistas que discutem questões de gênero. Enfim é um mundo mais amplo e mais e mais rico que possa refletir melhor a densidade da arte brasileira contemporânea. E entre os doadores nós temos já prometidos Cildo Meireles, Waltercio Caldas, Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Ernesto Neto e muitos outros”*.

RODRIGO DE CASTRO:  
ENTRE FORMAS E CORES



*Pela primeira vez, artista apresenta, na Galeria Patrícia Costa, esculturas em aço com pintura automotiva, além de telas recentes. A curadoria é de Vanda Klabin*

Conhecido pelas pinceladas precisas que exploram o campo cromático com linhas geométricas, Rodrigo de Castro se permitiu transitar, pela primeira vez em sua carreira, entre o plano e a tridimensionalidade. Na mostra, como ele mesmo definiu, revela sua faceta de “*pintor fazendo esculturas*”. Depois de seis anos sem expor uma individual no Rio de Janeiro, o artista exhibe,

em caráter inédito, esculturas de aço com pintura automotiva – além de pinturas de grandes e médios formatos concluídas recentemente.

Na exposição que abre na Galeria Patrícia Costa, no dia 8 de agosto, é possível constatar como o estreitamento do diálogo com a pintura originou as esculturas (algu-



mas medindo 1,20 por 1,20 metros), que ganharam escala para uma melhor percepção do espaço e da cor. *“A interação matéria (aço)-cor, passou a ser espaço-cor. Em ambos os casos a luz leva para as esculturas o movimento e as estruturas geométricas da pintura”*, explica Rodrigo de Castro.

Foi observando a vibração das cores no plano das telas que tudo teve início: *“olhava e percebia, sentia que em determinadas pinturas a cor parecia sair do plano, como se ganhasse volume pela intensa vibração. Resolvi então pesquisar esse caminho e entender o que seria a cor no espaço. Como colocar de pé um azul?”*, complementa o artista.

*“A recente produção de Rodrigo de Castro conjuga a articulação do plano pictórico com um processo de linhas e formas que traduzem unidades intensas e revelam o seu enfrentamento direto com a pintura. Os elementos estruturantes do seu trabalho derivam do pensamento pictórico fundado pelos contrastes dos campos de cor e dispostas em um jogo de derivações geométricas, instaurando uma associação fértil e indissolúvel”*, avalia a curadora e historiadora Vanda Klabin, amiga de longa data do grande artista e escultor Amílcar de Castro, pai de Rodrigo.

*“Os contrastes entre a opacidade e o brilho, aliados ao campo de coloração e a presença forte de uma ordenação geométrica, trazem maior materialidade*

Rodrigo de Castro

Foto: Denise Andrade e Cynthia Zilma





Rodrigo de Castro  
Foto: Denise Andrade  
e Cynthia Zilma

ao seu trabalho que agora se desdobra no plano tridimensional”, complementa Vanda.

### **SOBRE RODRIGO DE CASTRO**

Nascido em Belo Horizonte e formado em Engenharia, Rodrigo de Castro atualmente vive e trabalha em São Paulo, onde mantém seu ateliê, tendo realizado sua última individual no Rio de Janeiro em 2017. Ao longo de sua trajetória, participou de diversas coletivas e tem no currículo cerca de dez exposições solo, uma delas em Lisboa, em 2019. Atuou como curador em algumas mostras de seu pai, o artista e escultor Amílcar de Castro.

### **SERVIÇO**

**Exposição “Rodrigo de Castro: Entre Formas e Cores”**

*Abertura:* 8 de agosto, das 17h às 21h

*Visitação:* de 9 de agosto a 9 de setembro

*Funcionamento:* de segunda a sexta, das 11h às 19h; sábados, das 11h às 17h

*Galeria Patricia Costa*

Av. Atlântica, 4.240/lojas 224 e 225, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2227-6929 / 98868-1993

Classificação livre | Entrada franca

*Contatos:*

[www.galeriapatriciocosta.com.br](http://www.galeriapatriciocosta.com.br) / [@galeriapatriciocosta](https://www.instagram.com/galeriapatriciocosta)

[www.rodrigodecastro.art.br](http://www.rodrigodecastro.art.br) / [@rodrigodecastro.art](https://www.instagram.com/rodrigodecastro.art)

## MARTA MINUJÍN: AO VIVO

Maior exposição panorâmica já realizada sobre a artista argentina no Brasil ocupa as sete salas da Pinacoteca de São Paulo

*Marta Minujín: Ao Vivo reúne trabalhos icônicos recriados especialmente para a mostra; grande nome da arte latino-americana, artista traz para a Pina obras políticas e interativas que surpreendem o público. A exposição, com curadoria de Ana Maria Maia, tem como fio condutor a contribuição de Marta para uma vanguarda que pensa a América Latina em termos micro e macropolíticos*

Marta Minujín em seu estúdio com elementos da instalação *El Batacazo* (2023)

Foto: Sofia Ungar



A exposição articula mais de cem obras de 1963 até o presente, rerepresentando o icônico *El batacazo*, criado no contexto do Instituto Torcuato Di Tella em 1965, além de trabalhos como *Galeria Blanda (Galeria Mole)* (1973) e *La caída de los mitos universales (A queda dos mitos universais)* (1978-). Um inflável recebe o público nos primeiros dias da exposição no estacionamento da Pina Luz. A *Escultura de los deseos (Escultura dos desejos)* (2022) tem 15 metros de altura e foi um grande sucesso no Lollapalooza Argentino.



Marta Minujín, *Escultura de los deseos (Escultura dos desejos)*, 2022

Foto: Franco P.

Marta Minujín se transformou em um grande fenômeno ainda no início da carreira, na década de 1960. Reconhecida internacionalmente como a pioneira do *happening* e da arte participativa, produz incansavelmente até os dias de hoje, transitando entre diversas linguagens, escalas, circuitos artísticos e sociais. Com seus óculos espelhados e a personalidade extravagante, a artista figura em capítulos importantes da história da arte, passando pelo novo realismo, pela pop art, pelos conceitualismos, pela arte pública pelos e multimeios.

*“A exposição celebra a potência com que toda essa trajetória não só espelha mas também intensifica as formas de vida. ‘Ao vivo’ é uma expressão que sinaliza vivacidade, presença de corpo, e de maneira ainda mais direta denota um recurso de comunicação urgente no vocabulário da mídia de massa, plataforma discursiva e tecnológica que sempre atraiu a artista. Seja nas transmissões de rádio e TV na década de 1960 ou em seu canal de Instagram hoje, Marta cria arte como um pretexto para ela própria e para todas as pessoas poderem expressar-se com energia e liberdade”,* conta a curadora.

### DOS COLCHÕES AOS MONUMENTOS

*Marta Minujín: Ao Vivo* passa por momentos cruciais da carreira da artista portenha, ainda que não siga uma linha cronológica. A exposição começa pelo conjunto de colchões, que inaugura seu *statement* criativo nos anos 1960, no âmbito do novo realismo. Retorcidos e pintados em tons vibrantes, o trabalho com colchões é resultado do interesse de Minujín de aproximar a arte das dinâmicas da vida, se apropriando de materiais cotidianos e industriais. O público pode percorrer a galeria de tramas e colchões multicoloridos, com docu-



mentação de *La chambre d'amour* (*O quarto do amor*) (1963) e obras como *Eróticos en technicolor* (*Eróticos em technicolor*) (1964) ou *Freaking on fluo* (*Pirando no fluorescente*) (2010), além de visitar a *Galeria Blanda* (*Galeria Mole*) – instalação de 1973, feita com 200 colchões, recriada para a mostra da Pinacoteca. Formando um “cubo branco”, a antigaleria convida as pessoas visitantes a descansar ou brincar.

Na terceira sala da exposição, a instalação histórica da artista, *El Batacazo*, foi também recriada especialmente para a Pinacoteca, 58 anos depois da apresentação no Instituto Di Tella de Buenos Aires, em 1965. Em consonância com um espírito de tempo de uma geração imersa no fenômeno de uma midiatização crescente, a partir das leituras de Marshall McLuhan, a artista mobilizaria estratégias participativas para se posicionar perante a indústria cultural. À época, quatro tipos de ícones midiáticos conduziam o visitante pela instalação, que passava por jogadores de rúgbi, subia escadas para encontrar playboys e cosmonautas, e descia um escorregador para cair no rosto da atriz italiana Virna Lisi. Na Pinacoteca, os jogadores são agora de futebol do Brasil e da Argentina.

De cima para baixo:  
*200 colchones* (*Galería blanda*), (*200 colchões*) (*Galeria mole*), instalação de Marta Minujín e Richard Squires na galeria Harold Rivkin, Washington, d.C., 1973;  
*Documentación de La chambre d'amour* (*O quarto do amor* / *El cuarto del amor*), de Marta Minujín e Mark Brusse, 1963/1964

Fotos: Marta Minujín / Arquivo

A pesquisa sobre o fenômeno social da comunicação e seu potencial disseminador resultou em diversos trabalhos, cuja documentação se concentra na quarta sala, em obras como *Simultaneidad en simultaneidad (Simultaneidade em simultaneidade)* (1966) e *Leyendo las noticias em El Río da Plata (Lendo notícias no rio da Prata)* (1965). No contexto político da década de 1970, a proliferação de ditaduras militares pela América Latina levou a práticas artísticas voltadas para a conscientização de uma realidade sociopolítica e para um projeto de integração entre os países da região. O trabalho mais emblemático da artista nesse sentido foi *Comunicando contierra* (1976), remontado para esta exposição.

Na quinta sala estão trabalhos que usam frutas e vegetais nativos para representar recursos definidores de uma identidade nacional, como a foto performance *El pago de la deuda externa argentina con maíz (O pagamento da dívida externa com milho)* (1985) e *Arte agrícola en acción (Arte agrícola em ação)* (1978-1979).



Marta Minujín, *El pago de la deuda externa argentina con maíz, "el oro latinoamericano" (O pagamento da dívida externa argentina com milho, "o ouro latinoamericano")*, 1985/2011

Foto: Marta Minujín / Arquivo

Outro caminho que Minujín adotou para intervir no imaginário político nacional foi a atuação no espaço público: para a Bienal Latino-Americana de São Paulo, em 1978, a artista levou a obra *El obelisco acostado (O obelisco tombado)*, emulando a viagem do famoso monumento da praça da República, em Buenos Aires, para o pavilhão da Bienal, "transferindo o mito de um país ao outro". Agora, o obelisco argentino, recostado e reconfigurado, ocupa a sexta sala expositiva da Pina Luz. A instalação antecipava características do que viria a ser a série *La caída de los mitos universales (A caída dos mitos universais)*, que compreende trabalhos como *El obelisco de pan Dulce (O obelisco de pão doce)* (1979) e *El Partenón de libros (O partenon de livros)* (1983), documentados na galeria.



Marta Minujín, *El Partenón de libros (O Partenon de livros)*, na avenida 9 de Julio, Buenos Aires, 1983

Foto: Marta Minujín / Arquivo

A mostra termina com uma das videoinstalações mais recentes da artista, *Implosión! (Implosão!)* (2021). A nova versão da obra promove a imersão em um cubo musical multicolorido. O projeto parte da animação de fotografias de detalhes de um colchão histórico e reflete a percepção da artista de que a contemporaneidade é como uma bateria de estímulos sensoriais. A circularidade da obra permite vislumbrar os sessenta anos de carreira de Marta Minujín, em toda a sua persistência e repertório.

### SOBRE A ARTISTA

Nascida em Buenos Aires, em 1943, Marta Minujín alcançou grande consagração na Argentina e internacionalmente. Ao longo da carreira, tornou-se a embaixadora do movimento pop em seu país, o que envolveu interpretar essas vertentes internacionais com referências portenhas. Embora tenha se identificado com o rótulo, sua produção possui um caráter multidisciplinar,

combinando aspectos da arte pop com o *happening* e a arte conceitual. A despeito dos preconceitos de gênero, Minujín transitou entre ambientes criativos e intelectuais em grandes capitais artísticas do mundo, presente em capítulos importantes da história da arte desde a segunda metade do século XX.

### SERVIÇO

#### Exposição *Marta Minujín: Ao Vivo*

Até 28 de janeiro de 2024

*Pinacoteca Luz – 1º andar*

Praça da Luz, 2, São Paulo / SP

*Horários:* de quarta a segunda, das 10h às 18h  
(entrada até 17h)

Gratuitos aos sábados – R\$ 30,00 (inteira) e R\$ 15,00  
(meia-entrada), ingresso único com acesso aos três

edifícios, válido somente para o dia marcado no ingresso

Às quintas, com horário estendido B3 na Pina Luz, das 10h  
às 20h (gratuito a partir das 18h)

<https://pinacoteca.org.br/>

Marta Minujín, *El obelisco acostado (O obelisco tombado)*, 1978 Foto: Divulgação



Na página seguinte:  
Marta Minujín, *Implosión!*  
(*Implosão!*), 2021,  
Fundación Santander,  
Buenos Aires  
Foto: Equipo axp



## LEONILSON E A GERAÇÃO 80



Leonilson (José Leonilson Bezerra Dias), *Dois jovens com a cabeça fora da terra*, 1986

Foto: Sergio Guerini



*Há 30 anos morria precocemente um dos principais nomes da arte contemporânea brasileira: José Leonilson Bezerra Dias. A Pinakothek Cultural RJ homenageia o artista, e ao mesmo tempo antecipa a comemoração dos 40 anos da histórica exposição “Como Vai Você, Geração 80?”, realizada em 1984 na EAV Parque Lage, reunindo 35 obras emblemáticas: 16 de Leonilson e 19 de outros artistas que também participaram do evento*

A curadoria de “*Leonilson e a Geração 80*” é de Max Perlingeiro, que selecionou obras memoráveis para compor a exposição – 16 trabalhos de Leonilson e 19 de outros artistas que também participaram do evento no Parque Lage: Adir Sodré de Souza (1962), Alex Vallauri (1949-1987), Beatriz Milhazes (1960), Chico Cunha (1957), Ciro Cozzolino (1959), Daniel Senise (1955), Fernando Barata (1951), Gervane de Paula (1962), Gonçalo Ivo (1958), Hilton Berredo (1954), Jorge Guinle (1947-1987), Leda Catunda (1961), Luiz Zerbini (1959) e Sérgio Romagnolo (1957).

Duas das obras selecionadas estiveram na mostra do Parque Lage: “*Sonho de Valsa*” (1984), de Chico Cunha, pertencente à Coleção Mac Niterói, com 5,20 metros de altura x 3 metros de comprimento, e



#### **PORTA-VOZ DA DIVERSIDADE**

*“Espécie de balanço realizado no calor da hora, a exposição ‘Como Vai Você, Geração 80?’*

Luiz Zerbini,  
Sem título,  
década de 1980  
Foto: Edouard Fraipont

a pintura “*Metástase*” (1981), de Jorge Guinle. Outra obra de grande dimensão é “*Sem título (série Pindorama)*”, de Hilton Berredo, uma pintura por dispersão sobre o polímero emborrachado EVA, de 3 metros de altura por 4,5 metros de comprimento.

A histórica mostra “*Como Vai Você, Geração 80?’*, em 1984, na EAV Parque Lage teve curadoria de Marcus Lontra Costa, Paulo Roberto Leal (1946-1991) e Sandra Magger (1956-2018). O apoio da EAV Parque Lage, que permitiu a pesquisa de documentos e informações importantes em seus arquivos, foi decisivo para a realização dessa exposição.



Leonilson (José Leonilson Bezerra Dias), *Sem título*, 1984

Foto: Rubens Chiri / Projeto Leonilson

*reuniu 123 artistas de idades e formações distintas, na sua grande maioria cariocas e paulistas. Se comentava na época que ‘era uma exposição carioca com apêndice paulista’. E uma das grandes revelações foi Leonilson. O artista explorava a figuração, os desenhos e pinturas da primeira fase de sua obra. O humor, a crítica social e as suas narrativas do cotidiano são marcas de seu trabalho”, afirma Max Perlingeiro.*

Marcus Lontra Costa destaca que *“Leonilson foi, e ainda é, a principal referência de uma geração que, saída dos anos de chumbo da ditadura, buscava recuperar a alegria, a coragem, e a ousadia de pintar o que se via, e o Brasil que se sonhava”. “A exposição de Leonilson na*

*galeria Tomas Cohn, em 1983, foi o cartão de visitas que determinou os postulados dessa geração. Leonilson criava desenhos e pinturas com grande apelo figurativo. Ele foi o porta-voz da diversidade, de uma arte confessional, íntima, que falando de si, de seus problemas e suas questões, alcançava um nível internacional e coletivo. Leonilson foi essa referência principal, e seu reconhecimento é mais do que merecido. Ele foi a síntese da criatividade da arte brasileira dos anos 1980”.*

A exposição *“Leonilson e a Geração 80”* foi realizada entre abril e junho na Multiarte, sede da Pinakotheke em Fortaleza, também em comemoração aos seus 35 anos de atividade. Para a exposição no Rio, foram

acrescentadas três obras de Leonilson: “Dois jovens com a cabeça fora da terra” (1986), “O que eles gostam” (1988) e “Macaco” (circa 1989), além de um novo trabalho de Daniel Senise: “Levitation” (2001).

## **SOBRE LEONILSON**

### **(1957, Fortaleza - 1993, São Paulo)**

José Leonilson Bezerra Dias foi pintor, desenhista e escultor; é considerado um dos principais nomes da arte contemporânea brasileira, e sua obra mostra-se, predominantemente, autobiográfica. Na trajetória do artista, podem ser destacados três núcleos formativos: na primeira etapa (1983-88), busca uma definição estética por meio do “prazer da pintura”. Em seguida (1989-91), encontra um ponto de firmeza no ponto de “abandono” e em sua inclinação para os valores românticos.

Nos dois últimos anos de sua vida, a alegoria da doença domina por completo a linguagem. Os anos de 1989 a 1993 são de intensa produtividade, quando faz uso de costuras e bordados considerados pela crítica especializada e pelos historiadores de arte como suas obras-primas. Em 1991, descobriu ser soropositivo. Precozmente falecido em 1993, com apenas 36 anos, tem tido sua memória preservada pela *Sociedade dos Amigos do Projeto Leonilson*, fundada em 1995, que é um centro de referência da sua vida e sua obra.

## **SERVIÇO**

### **Exposição Leonilson e a Geração 80**

Até 23 de setembro

Pinakothek Cultural Rio de Janeiro

Rua São Clemente 300, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2537-7566 | E-mail: [contato@pinakothek.com.br](mailto:contato@pinakothek.com.br)

Funcionamento: Segunda a sexta-feira, das 10h às 18h, e aos sábados, das 10h às 17h

Entrada gratuita



Beatriz Milhazes, *A venus morreu de amor*, 1983

Foto: Jaime Acioli

# Deitar o vermelho sobre o papel branco para bem aliviar seu amargor



Fábio Baroli,  
*Brucutuco*  
Foto: Divulgação

## Individual de Fábio Baroli na Zipper Galeria, SP

*"Deitar o vermelho sobre o papel branco para bem aliviar seu amargor"*, com curadoria de Galciani Neves, apresenta 17 obras que trazem uma experiência artística explorando as relações entre corpo, território e identidade, proporcionando uma reflexão poética sobre a história e as lutas das comunidades marginalizadas.

Expostas no salão principal da Zipper Galeria, as pinturas retratam paisagens, arquiteturas vernaculares, personagens e elementos naturais, como animais e árvores, com o objetivo de revelar as diferenças sociais e

resistências ao projeto colonialista. Fábio Baroli adentrou nas intrincadas tramas dos processos históricos e sociais relacionados à terra – uma jornada poética sobre identidade e território.

O texto curatorial é assinado pela pesquisadora brasileira Galciani Neves, que explica o título da mostra, que se refere tanto à terra e suas cicatrizes, como ao gesto de pintar como expurgo. As cenas em seu trabalho projetam-se tanto como uma descrição/invenção desses territórios com homens, mulheres, caipiras e o



Fábio Baroli,  
*Gênesis*  
Foto: Divulgação

jeito como repousam o corpo e suas ferramentas cotidianas, como apresentam um lugar pouco conhecido e muito estigmatizado – aquele lá longe, comumente reconhecido como roça, natureza, “terra de ninguém”, “interior do interior”.

Em paralelo, a exposição evidencia espaços vazios e incompletos, que representam rupturas e pausas nas formas e nas cores. Essas pausas complementam outras pinturas de Baroli, estabelecendo conexões entre diferentes assuntos e acontecimentos. O artista lança críticas ao projeto colonialista e aborda questões como a monocultura extensiva e a imposição do excedente de produção.

Destaca-se a presença marcante do boi nas obras de Baroli, um símbolo da relação do colono com a terra e um protagonista recorrente em diversas manifestações artísticas. A exposição também inclui instalações e pinturas de ferramentas e utensílios que trazem as marcas da lida, da terra e do trabalho humano.

### **SOBRE O ARTISTA**

O trabalho de Fábio Baroli (Uberaba, 1981; vive e trabalha em São Paulo) expressa uma visão de mundo ancorada na vivência interiorana e no imaginário regional. Gêneros tradicionais – como retrato, paisagem e natureza-morta – se misturam a cenas do cotidiano do artista em pinturas com gestos bruscos e marcantes, em trabalhos que revelam marcas de edição (montagens, colagens e intervenções) características de pro-

gramas digitais. A apropriação e a referência da imagem fotográfica fazem parte do processo do artista.

### **SOBRE A CURADORA**

Galciani Maria Neves de Araujo é pesquisadora. Fez Mestrado e Doutorado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP e trabalha como professora de Artes Visuais na Universidade Federal do Ceará e na Fundação Armando Álvares Penteado, além de coordenadora de um programa de ensino do Instituto Tomie Ohtake.

### **SERVIÇO**

**Exposição *Deitei o vermelho sobre o papel branco para bem aliviar seu amargor***

*Abertura:* quinta-feira, 3 de agosto, das 19h às 22h

Em cartaz até 2 de setembro

*Zipper Galeria* – R. Estados Unidos, 1494, Jardim América, São Paulo / SP Tel.: (11) 4306-4306

*Funcionamento:* segunda a sexta, das 10h às 19h; sábado, das 11h às 17h

[www.zippergaleria.com.br](http://www.zippergaleria.com.br)



Fábio Baroli,  
*Dos Reis*  
Foto: Divulgação



Emanuelle Calgaro, *Jangada*

Foto: Divulgação

## “Bandeiras e Cores Entre Nós” chega ao Ceará no dia 18 de agosto

*Projeto itinerante que já reuniu mais de 80 artistas do Brasil e do exterior,  
promove evento com destaque para “exposição” de arte em jangadas na Praia de Guajiru*

Arte de vento em popa e *al mare...* Após ser exibido na Bélgica, em São Paulo, em Búzios e em Vaduz (capital de Liechtenstein), e reunir mais de 80 artistas do Brasil e do exterior, o projeto “*Bandeiras e Cores Entre Nós*”, que reproduz a arte de profissionais em pipas e bandeiras, alça novos vôos e ganha também os mares. Tendo como tema “*Caminhos Entrelaçados: conexão com a natureza*”, a exposição envolve, pela primeira vez, uma cidade litorânea do interior do país e sua comunidade.

A mostra ao ar livre tem início no dia 18 de agosto, em Trairi, na Praia de Guajiru, no Ceará, com os trabalhos selecionados através de uma convocatória, impressos em 20 velas de jangadas em tamanho real, que serão içadas em um verdadeiro “desfile” de arte ao mar. Além disso, grandes bandeiras em lona estarão distribuídas pela Praça Nossa Senhora dos Navegantes, ocupando todo o vilarejo local até o dia 20.

### NOVOS CONTORNOS E FORMATOS

Produzida pela Arte2 (representada pelas curadoras Angela de Oliveira e Ana Arcioni), em parceria com a empresária local Adriana Pompeu, esta é a primeira edição com novos contornos e formatos. Baseado em uma reflexão/conexão entre a natureza (como o próprio nome diz) e os povos originários do Brasil, trata-se de um evento cultural que estará disponível em formato analógico e digital, destinado a artistas de todo o país, que devem se expressar através de cores, imagens e elementos caracteristicamente brasileiros. Depois, o evento itinerante aporta em outras cidades, incluindo Rio de Janeiro. A relação entre os povos originários, natureza e arte é a razão por trás da exibição “*Bandeiras e cores entre nós*”.



Lenny Lopes  
Foto: Divulgação

Silvana Ravena  
Foto: Divulgação





Acácio Pereira, *Jangada*

Foto: Divulgação

Samora Dêlcio, *Jangada*

Foto: Divulgação

*"Nosso maior intuito é o de levantar bandeiras pela Arte como mobilizadoras sociais e vitais em diferentes formatos, além de fomentar a economia local, uma vez que envolvemos produtores e artesãos locais. 'Bandeiras e Cores Entre Nós: Caminhos Entrelaçados conexão com a natureza' se caracteriza como um ponto de encontro onde diferentes expressões artísticas refletem elementos da natureza e os povos originários, se entrelaçando e oferecendo uma experiência visual única, bem como uma reflexão sobre o nosso entorno e nossos valores, seja através das cores, formatos e técnicas. Queremos promover a integração das artes plurais que perfazem o universo diversificado do povo brasileiro", afirma Angela de Oliveira.*

O evento também contará com uma feira de artesanato, estimulando a produção da comunidade local. Uma Oficina de Pipas com as crianças de Trairi, show de sanfoneiro e performance artística da curadora Angela de Oliveira e de Lenny Lopes fazem parte da programação, ao longo dos três dias de exposição.

## **SOBRE AS CURADORAS E SÓCIAS DA ARTE2**

**Angela de Oliveira** nasceu em Itapetininga, São Paulo, e foi criadora do conceito *BeArt News* – [@beart\\_news](https://www.beartnews.com), trilhando um caminho na realização de eventos cultu-

rais e também na curadoria de arte brasileira. Em sua trajetória, já realizou mais de 50 exposições na Europa, Estados Unidos, países da América Latina e mais de 90 exposições em diversos estados do Brasil, além de fazer assessoria de artistas e galerias. Formada em artes plásticas, contabiliza mais de 1.500 obras próprias comercializadas.

**Ana Arcioni** nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. É galerista e curadora de arte com vasto conhecimento sobre arte popular brasileira, além de fotógrafa, psicóloga e mestra em comportamento humano. Sócia proprietária da [@viridisgallery](https://www.viridisgallery.com) ([viridisgallery.com](https://www.viridisgallery.com)), atualmente reside em Blankenberge, na Bélgica, onde trabalha com o objetivo de transmitir a cultura brasileira através da arte. Já realizou diversos eventos presenciais e virtuais; também presta assessoria a artistas e exposições com artistas brasileiros em diferentes países da Europa e do Brasil.

## **SERVIÇO**

**Evento "Bandeiras e cores entre nós"**

*Tema:* "Caminhos Entrelaçados: conexão com a natureza"

*Data:* de 18 a 20 de agosto

*Local:* Trairi, Ceará

[www.arte2.online/inicio-guajiru/arte2.infor@gmail.com](http://www.arte2.online/inicio-guajiru/arte2.infor@gmail.com)



Marga Ledora, *O Jardim das Estações (as cinco estações)*, 2021

Foto: Divulgação

## “HABITAR O CENTRO DO MUNDO” Exposição reúne trabalhos de Marga Ledora na Aura Galeria, SP

A nova individual de Marga Ledora, *“Habitar o centro do mundo”*, reúne mais de duas dezenas de obras, incluindo trabalhos inéditos. Com curadoria de Carollina Lauriano, a mostra propõe reflexões sobre a relação entre matéria, suporte e forma nas produções gráfica e pictórica da artista. É a primeira individual de Marga na Aura Galeria e segue em cartaz até 26 de agosto.

Com quase quarenta anos de carreira, Ledora trabalha especialmente com desenho. Recentemente foi sele-

cionada para integrar a coletiva *“Dos Brasis: Arte e pensamento negro”*— que passará por diversas unidades do Sesc em todo o Brasil, com inauguração no dia 2 de agosto, no Sesc Belenzinho.

### **MARGA LEDORA POR CAROLLINA LAURIANO**

Como processo, as obras de Ledora se materializam por meio do próprio fazer artístico; pela experimentação pictórica que a artista cria, usando como base o giz pastel seco e o bastão oleoso, observando o comporta-

mento de cada materialidade sobre os papéis escolhidos para desenvolver cada uma de suas séries.

Dessas relações, surgem desenhos que transitam entre o figurativo e o abstrato. Uma delicada investigação sobre composições cromáticas que, de forma quase recorrente, se revelam em imagens de pequenas construções arquitetônicas, mas nem sempre. Mais conhecida por sua série de desenho de casas que flutuam entre a ambivalência do cheio e do vazio, há outros desenhos menos conhecidos que se voltam mais para uma observação da paisagem, como a série *arranjos*, ou mesmo a série abstrata desenvolvida sobre papel Carmem preto, e que datam de sua primeira década de produção. Nunca apresentados em conjunto, os desenhos possuem dois tipos de ineditismo, o primeiro pelo fato de sua não exibição, e o segundo pela descontinuidade do papel, logo, a impossibilidade de novas investigações.

Em comum, no desenho de Ledora, a abstração e a figuração nunca ocorrem de forma expansiva, pelo contrário, a artista preserva em suas criações um gesto introspectivo, quase bucólico. E é nesse contexto que o trabalho de Ledora exerce toda sua força conceitual. O domínio da técnica da artista mora na sutileza, oferecendo aos expectadores a contramão do que se espera do comportamento contemporâneo.

Diante de tanta expansividade, Ledora nos convida ao recolhimento. A habitar o centro do nosso próprio mundo. Ao invés de optar por preencher toda superfí-

cie do papel, Ledora nos oferece o silêncio, a calma e a tranquilidade. Um respiro em meio a um mundo em frangalhos. Uma forma tanto poética, quanto formal, de ensaiar utopias.

### SERVIÇO

**Exposição “Habitar o centro do mundo”, de Marga Ledora**

Até 26 de agosto

*Aura Galeria*

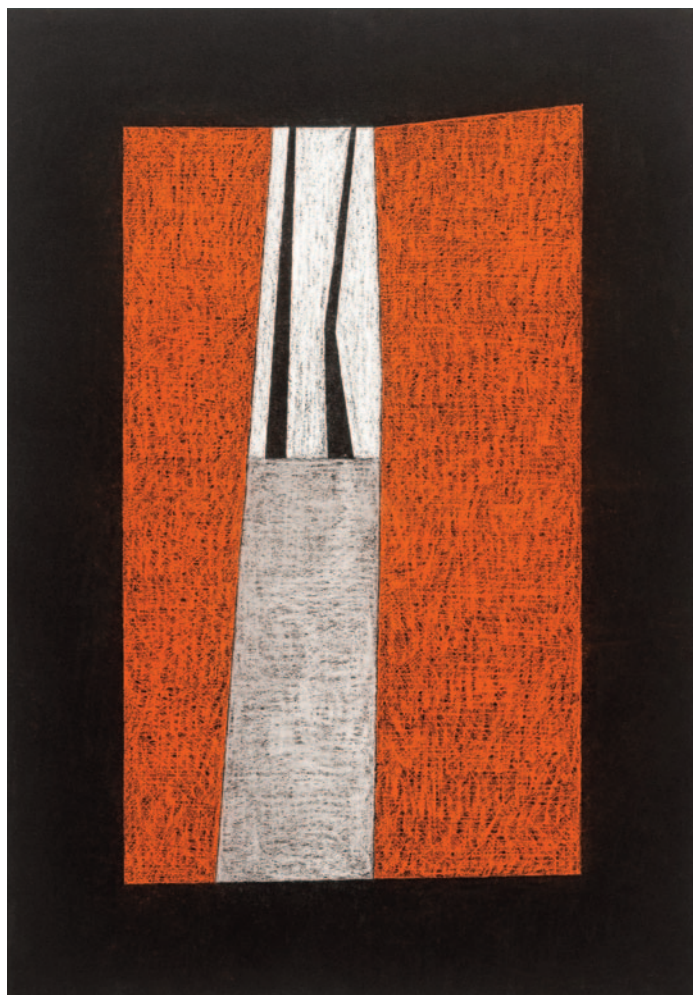
Rua da Consolação, 2767, Jardins, São Paulo / SP

Funcionamento: segunda a sexta, das 10h às 19h;

Sábado, das 10h às 17h

Marga Ledora, *Muro*, 1987

Foto: Divulgação



## DERIVA AFETIVA

Panmela Castro abre exposição no Rio com obras criadas durante residência artística na África



Panmela Castro,  
*Naëtt Mbaye*,  
2023  
Foto: Divulgação



Panmela Castro, *Dwayne Rodgers*, 2023

Foto: Divulgação

*Mostra com trabalhos inéditos exhibe série de retratos, instalação, documentário e peças de roupas criadas durante a Black Rock do renomado artista Kehinde Wiley, em Dakar*

Numa jornada em busca de sua ancestralidade africana, a artista visual carioca Panmela Castro passou um mês em Dakar, Senegal, onde participou da residência artística *Black Rock*, do norte americano Kehinde Wiley, autor do famoso retrato de Obama exposto na National Portrait Gallery, em Washington DC. Na bagagem de volta, Panmela trouxe inúmeros trabalhos que serão apresentados ao público pela primeira vez, no Espaço Inclusartiz, no Rio, a partir de 19 de agosto.

Panmela foi a segunda brasileira selecionada para o programa. Antes, em 2019, apenas Rafael RG (SP) havia participado. A residência é voltada para artistas visuais,

escritores e cineastas, cujos trabalhos se relacionem com a África. O objetivo é apoiar a nova criação artística por meio do intercâmbio colaborativo e incitar a mudança no discurso global sobre o que a África significa hoje.

Um dos destaques da exposição é a série de 10 retratos (uma de suas especialidades) de pessoas locais que posaram para a artista, incluindo o próprio Kehinde, com quem Panmela teve a oportunidade de conviver intimamente durante sua estadia. Ela conta que seu trabalho tem semelhança com o do artista. Além da temática (África, diáspora), ao retratar al-

guém, ambos se preocupam em colocar seus retratados em posição digna, criando uma imagem diferente para quem antes era ignorado.

*"Acredito que dignidade fala também de identidade e, por isso, sempre nomeio os quadros com o nome e sobrenome do retratado; gosto que a pintura tenha olhos, boca, um rosto bem definido, que identifique quem é. Afinal, negros, mulheres e trans já foram apagados durante muito tempo", diz.*

Além dos quadros, Panmela também criou uma instalação de 50 espelhos com retratos de mulheres africanas, como Al Kahina, Anne ZINGHA, Kimqa VITA, Iyoda IDIA, Ranavalona III, Margaret Affiong EKPO, entre outras, que ela conheceu durante uma visita ao Museu das Civilizações Negras. *"Fiz uma releitura de uma tradição local de pintar em vidros, só que nos espelhos", explica.*

Inspirada pela história dessas mulheres e afirmando mais uma vez o seu papel de ativista social, com vasta experiência em programas de arte relacionados aos direitos das mulheres no Brasil, excepcionalmente no dia 26 de agosto, Panmela incluiu na programação a exibição do filme *"Graffiti pelo Fim da Violência Doméstica"*, seguida por uma oficina de desenho e pintura. O filme produzido pela Rede NAMI, organização fundada pela artista que utiliza a arte para promover direitos, tem como objetivo articular o fim da violência de gênero e informar às mulheres sobre seus direitos.



Panmela Castro, *Retratos em Espelhos*, 2023  
Foto: Divulgação

O mergulho na cultura africana ainda rendeu uma coleção de roupas, incluindo vestidos, turbantes e conjuntos de calça e blusa, desenhados por Panmela e costurados pelo reconhecido alfaiate local Mr. Mamadou Faye. *"Eu comprei os tecidos e criei modelos tradicionais africanos com um toque contemporâneo da moda brasileira", diz Panmela. As peças também es-*

tarão expostas na exposição, que conta ainda com documentário onde a artista fala sobre cada trabalho.

Para completar a programação, o público poderá conferir uma série de fotos com momentos da residência e da viagem. Em sua incursão pela diáspora, Panmela pode conhecer os dois lados da África: o do luxo e o da África profunda, dos vilarejos e comunidades nativas. A artista conheceu inclusive a Ilha de Gore, onde existe a chamada “*Porta sem Retorno*”, por onde os escravizados passavam e nunca mais retornavam.

## SERVIÇO

**Exposição *Deriva afetiva* – Panmela Castro**

Até 18 de setembro

Centro Cultural Inclusartiz

R. Sacadura Cabral, 333, Gamboa, Rio de Janeiro / RJ

*Horário:* terça a domingo, das 11h às 18h

Entrada franca



Panmela Castro,  
*Kéwé Lô*,  
2023  
Foto: Divulgação

Panmela Castro,  
*Vestido*,  
2023  
Foto: Divulgação



# AGOSTO FOTOGRÁFICO EM BRASÍLIA



Exposição 1st Brazilian International Photography Circuit – FIAP Gold Meda, Massimo Tommi (Italy), *La Lezione volge al Termine*

*Depois de dois anos, Festival Mês da Fotografia 2023 traz exposição coletiva, prêmio em dinheiro, inúmeras atividades, um grande pavilhão cultural e as famosas projeções a céu aberto*





Ensaio *Tambor de Crioula*, Júlio Magalhães, Maranhão

O Festival Mês da Fotografia 2023 terá a maior programação de todas as suas edições, após um hiato de dois anos sem acontecer de forma presencial. Com o tema *Reencontros e suas Possibilidades*, traz como maior destaque a grande coletiva que entra em cartaz no dia 3 de agosto, na galeria térreo do Museu Nacional da República. No espaço, serão reveladas as 80 fotos selecionadas entre as milhares enviadas pelos candidatos que se inscreveram para fazer parte da mostra, a VIII Exposição Coletiva, que apresenta trabalhos nas categorias Individual, Ensaio, Jovens Fotógrafos e Fotografia Inclusiva.

Outra novidade do evento é o Prêmio Aquisição do Museu Nacional da República, cujo valor é de R\$ 10 mil. A obra escolhida irá fazer parte do acervo daquela instituição, e o vencedor será revelado no dia 15 de agosto (no Pavilhão Espaço da Fotografia). *“A curadoria buscou*

*por trabalhos capazes de apresentar os desafios dos reencontros que estão por vir e que colaborem com a construção de novos caminhos, que tenham como protagonistas pessoas negras, quilombolas, indígenas, jovens, pessoas com deficiência, LGBTQIA+, pessoas trans e não-binárias”*, afirma a curadora Denise Camargo.

O evento de abertura será marcado por Projeções Mapeadas na Cúpula do Museu, a partir das 19h. O mesmo acontecerá no dia 19 de agosto, Dia Mundial da Fotografia, cuja programação prevê também duas performances: *Arrastão* do Grupo Batukenjé, a partir das 18h (no Pavilhão Espaço da Fotografia), e *setlist*, com o DJ OPS.

### **EXPOS, PAVILHÃO DA FOTOGRAFIA E MUITO MAIS...**

Também no dia 3 de agosto, em paralelo à grande coletiva, quatro mostras serão inauguradas: *Chão de*

*Cores* (do Coletivo Retratação); *Afro Futuro* (do Coletivo Jovens de Expressão); *1st Brazilian International Photography Circuit* (dos Coletivos Fotoclubes); e *Mosaico Foto Desejo* (das fotógrafas Eliária Andrade, Evelyn Ruman, Luludi Melo, Márcia Zoet, Mônica Zarattini e Silvia Zamboni). A VIII Exposição Coletiva estará na Galeria Térreo do Museu Nacional da República (corredor de acesso ao Auditório 2) e as demais na sala II do mesmo local, todas com visitação gratuita até o dia 10 de setembro.

Fora do circuito do museu, também acontecem as mostras *“Olho de Rio”*, a partir de 10 de agosto no Espaço Renato Russo; e no dia 15, a Exposição do *1st Internacional Salon of Photography Art of Brasília*, promovida pelo Candango Fotoclube/Confoto, que poderá ser visitada na LBV – Legião da Boa Vontade.

Para Eraldo Peres, idealizador e Diretor-Executivo do evento, democracia é a palavra que define a edição desse ano. *“Reencontros e suas possibilidades é muito mais do que um tema, trata-se de uma verdadeira convocação para que, por meio da fotografia, se abra um diálogo a favor da reflexão e de uma análise sobre temas contemporâneos, onde as relações sociais, afetivas e existenciais possam ajudar na construção de novos caminhos”*, explica.

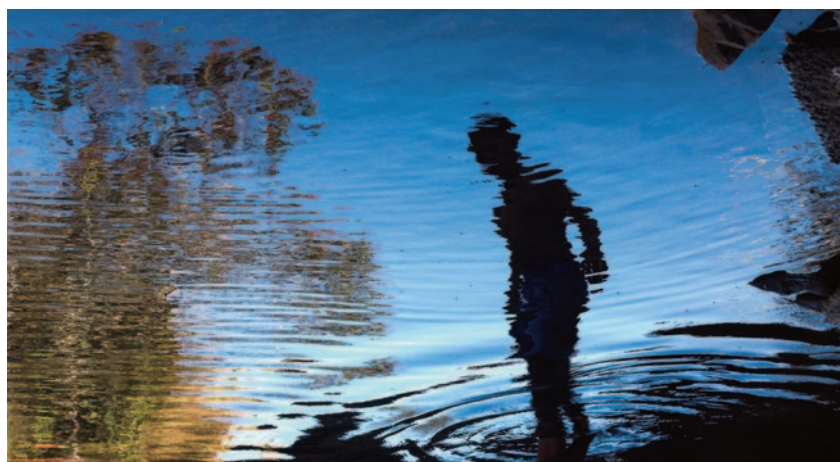
Com o objetivo de dar voz a todas as vozes, a edição 2023 do Festival terá sua própria *Ágora* (lugar de reunião). Pela primeira vez será montado o *Pavilhão Espaço da Fotografia Photo Experience + LAB* (local onde estão previstas a cerimônia de entrega do Prêmio Aquisição e de onde sairá o *Arrastão do Batukenjé*).

Exposição *Afro Futuro* – Coletivo Jovens de Expressão, Talitha Antunes – *Pertencer*



Situado na área externa do Museu, e com funcionamento entre os dias 16 e 20 de agosto, será um ambiente dedicado a montagem dos espaços FotoTEC, Mercado da Luz, Summit Experience, Art Meeting, onde ocorrerão palestras e oficinas, com programação diversa, inclusiva e gratuita. Destaque para o *Mercado da Luz*, com suas galerias e coletivos fotográficos que estarão expondo e comercializando trabalhos de fotógrafos locais e nacionais durante os cinco dias de funcionamento do Pavilhão.

*“O Pavilhão chega para complementar e é uma ótima estratégia de integração da programação de exposições do Museu com a praça, uma área muito especial para nós”,* destaca a Diretora do Museu da República, Sara Seilert. Entre as inúmeras atividades previstas para o espaço, destacam-se as exposições *Nada Sobre Nós, Sem Nós!* (do Projeto Vivências Inclusivas) e *Reencontros Coletivos* (do Lente Cultural Coletivo Fotográfico), que terá montagem especial com as fotos impressas em tecidos suspensos no teto criando um cenário de cores para dar boas vindas aos visitantes.



De cima para baixo:  
 Exposição *Chão de Cores*, Coletivo Risofloras  
 Mercado Sul, Webert da Cruz, *Equilíbrio no Beco*;  
 Exposição *Nada sobre nós, sem nós!*,  
 Projeto Vicências Inclusivas, Cristiano Costa;  
 Exposição *Olho de Rio*, Oficina de Fotografia Livre



Um conjunto de ações formativas também estão previstas na programação do Festival: palestras com Igor Valter – *NFTs no Mercado da Arte* (16/08); Carlos Gandara – *Fotoclubismo no Brasil e a Experiência da Confoto* (19/08). Diálogos fotográficos acontecem com Tiago Santana e Ronaldo Entler – *Produção fotográfica autoral e documental* (16/08); Gilberto Lima – *Artes visuais, novas tecnologias e Inteligência Artificial* (17/08); Mônica Zarattini e Evelyn Rumam – *Mulheres na Fotografia* (18/08). Workshops também movimentam a programação do Pavilhão: Paula Borghi falará sobre Curadoria Ativa (17/08); Mateus Morbeck sobre Artes Visuais Tecnologia e Inteligência Artificial (18/08) e Mônica Maia sobre Mulheres Luz (20/08). No dia 20/08, bate-papo com Ricardo Stuckert, a partir da Experiência na Realização Fotográfica e Produção de Livro Sobre Povos Originários. Todas essas atividades acontecerão no Auditório 2.

Importante salientar a Visita Guiada para PcD, prevista para o dia 19 de agosto, a partir das 10h, na Galeria Térreo, assim como o Leilão de Fotografias com o Coletivo Sebastianas, que contará com a participação da DJ Úrsula Zion, no palco principal do Pavilhão Espaço da Fotografia, dia 20 de agosto.

Programação completa no [www.festivalmesdafotografia.com.br](http://www.festivalmesdafotografia.com.br) ou pelo perfil no Instagram [@festivalmesdafotografia](https://www.instagram.com/festivalmesdafotografia).



Foto: Agência PressPhoto

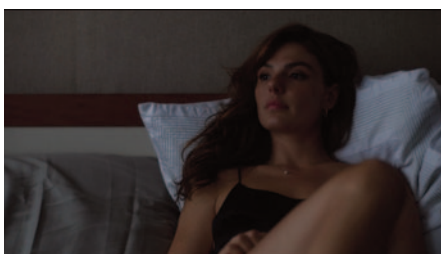
# 51º Festival de Cinema de Gramado

## Filmes em competição

Dos mais de mil títulos inscritos, as curadorias e comissões de seleção escolheram seis longas-metragens brasileiros, cinco longas-metragens documentais, cinco longas-metragens gaúchos e 23 curtas-metragens gaúchos.

A OXIGÊNIO apresenta as sinopses dos longas-metragens que serão exibidos presencialmente em Gramado, entre os dias 12 e 18 de agosto, no tradicional Palácio dos Festivais. Na noite do dia 19, serão revelados os vencedores dos Kikitos.

### LONGAS-METRAGENS BRASILEIROS



**ANGELA** | São Paulo - 110'00"

**Direção:** Hugo Prata

**Sinopse:** Angela conhece Raul e acredita ter encontrado alguém que ama seu espírito livre tanto quanto ela. A atração avassaladora fez o casal largar tudo e viver o sonho de reconstruir suas vidas na praia. A relação declina para o abuso e violência, dando origem a um dos assassinatos mais famosos do Brasil.

**Elenco:** Isis Valverde, Gabriel Braga Nunes, Alice Carvalho, Emilio Orciolo Netto, Bianca Bin, Carolina Manica, Gustavo Machado e Chris Couto.

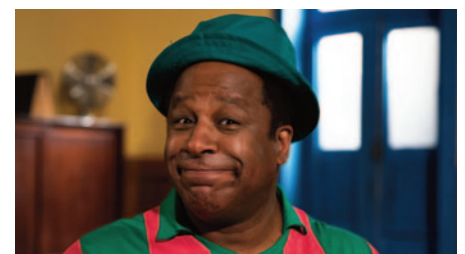


**MAIS PESADO É O CÉU** | Ceará - 98'01"

**Direção:** Petrus Cariry

**Sinopse:** Após acolher uma criança abandonada, Teresa conhece Antônio e os dois iniciam uma jornada pelas estradas. O passado em comum, para eles, são as memórias de uma cidade submersa no fundo de uma represa. A vida é sonho, mas o futuro é a incerteza.

**Elenco:** Matheus Nachtergaele, Ana Luiza Rios, Sílvia Buarque, Danny Barbosa, Marcos Duarte e Buda Lira.



**MUSSUM, O FILMIS**

Rio de Janeiro - 116'01"

**Direção:** Silvio Guindane

**Sinopse:** *Mussum, o Filmis* narra a trajetória de vida de Antônio Carlos Bernardes Gomes muito além do Mussum que o grande público conhece: a infância pobre, a carreira militar, a relação com a Mangueira, o sucesso com os Originais do Samba, além de bastidores d'Os Trapalhões.

**Elenco:** Ailton Graça, Thawan Lucas Bandeira, Yuri Marçal, Cacau Protásio, Neusa Borges, Jennifer Dias, Késia e Cinnara Leal.



### O BARULHO DA NOITE

Tocantins - 97'07"

**Direção:** Eva Pereira

**Sinopse:** Maria Luíza, terá a infância roubada ao descobrir o segredo que pode acabar com a sua família. A leveza e alegria da criança cederão espaço ao olhar triste e atento pelo qual acompanharemos tudo se desfazer pelo desencontro de sonhos do casal e a chegada anunciada de um intruso.

**Elenco:** Marcos Palmeira, Emanuelle Araújo, Tonico Pereira, Patrick Sampaio, Alícia Santana, Ana Alice Dias, Wertemberg Nunes e Mercês Campelo.

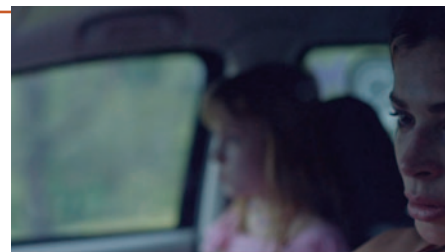


### TIA VIRGÍNIA | Rio de Janeiro - 97'34"

**Direção:** Fabio Meira

**Sinopse:** Virgínia nunca se casou e nem teve filhos, foi convencida pelas irmãs a deixar a vida que tinha para cuidar dos pais. O filme se passa em um único dia: o dia em que Virgínia se prepara para receber as irmãs Vanda e Valquíria, que virão para celebrar o Natal.

**Elenco:** Vera Holtz, Arlete Salles, Louise Cardoso, Antonio Pitanga, Vera Valdez, Daniela Fontan, Amanda Lyra e Iuri Saraiva.



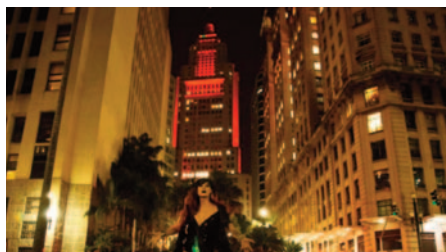
### UMA FAMÍLIA FELIZ | Paraná - 115'08"

**Direção:** José Eduardo Belmonte

**Sinopse:** Em uma família feliz perfeitamente protegida em um condomínio fechado, uma mãe é duramente acusada de machucar as filhas gêmeas e o bebê recém-nascido. No entanto, a verdade por trás dos muros altos pode revelar uma crueldade inesperada.

**Elenco:** Grazi Massafera, Reynaldo Gianecchini, Luiza Antunes e Juliana Bim.

## LONGAS-METRAGENS DOCUMENTAIS



### ANHANGABAÚ | São Paulo - 75'01"

**Direção:** Lufe Bollini

**Sinopse:** Anhangabaú é um documentário sobre as construções simbólicas de uma cidade em disputa. O filme conecta os conflitos pelo território da comunidade indígena Guarani Mbya com a resistência da maior ocupação artística da América Latina e do grupo Teatro Oficina, na cidade de São Paulo.

**Elenco:** Valter Machado, Ara Mirim, Karai Djekupe, Zé Celso Martinez Corrêa, Persie Oliveira e Veronica Valentino.



### DA PORTA PRA FORA | Brasília - 74'01"

**Direção:** Thiago Foresti

**Sinopse:** Durante a maior pandemia dos últimos tempos, a sociedade aguarda confinada o desenrolar dos eventos sem saber quanto tudo voltará ao normal. Do lado de fora, o aplicativo não para de apitar e três entregadores de apps arriscam suas vidas.

**Elenco:** Alessandro da Conceição, Keliene Alves e Marcos Nunes.



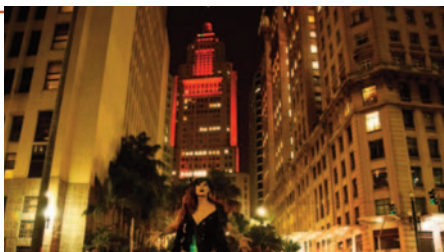
### LUIS FERNANDO VERISSIMO – O FILME

Rio Grande do Sul - 119'40"

**Direção:** Luzimar Stricher

**Sinopse:** Nosso cronista maior, econômico em palavras e gestos, de fala e escrita. Não gosta de jogar conversa fora, seu feito é ficar vendo, ouvindo, prestando atenção para mais tarde devolver tudo em forma de crônicas antológicas. Um humorista que é ao mesmo tempo engraçado e sério, leve e profundo.

**Elenco:** Luis Fernando Verissimo, Jô Soares, Jorge Furtado, Paulo Caruso, Chico Caruso, Zuenir Ventura, Zivaldo, Santiago, Ruy Carlos Ostermann, Claudia Laitano, Edgar Vásques, Flávio Loureiro Chavez e Goida.



**MEMÓRIAS DA CHUVA** | Ceará - 76'18"

**Direção:** Wolney Oliveira

**Sinopse:** A população de Jaguaribara, cidade do interior cearense, distante 162 km de Fortaleza, é obrigada a abandonar sua cidade para dar lugar a construção do Castanhão, açude que vai fornecer água para Fortaleza. A mudança trouxe mais perdas do que ganhos, da velha cidade só restou lembranças.



**ROBERTO FARIAS – MEMORIAS DE UM CINEASTA** | Rio de Janeiro - 78'01"

**Direção:** Marise Farias

**Sinopse:** Marise Farias, filha do cineasta Roberto Farias, revela um retrato intimista da paixão do pai pelo cinema, desde sua infância até sua defesa política, econômica e cultural do cinema brasileiro. As memórias são contadas pelo próprio Roberto, e por amigos como Luís Carlos Barreto e Cacá Diegues.

*“Essa é uma das seleções mais potentes dos últimos anos, e também uma das mais difíceis. Foram muitos filmes inscritos, e muitos filmes bons”.*

Marcos Santuario, curador

**LONGAS-METRAGENS GAÚCHOS**



**CÉU ABERTO** | Dom Pedrito - 94'59"

**Direção:** Elisa Pessoa

**Sinopse:** Através do registro do cotidiano de Andriele – uma adolescente criada na zona rural de Dom Pedrito, RS, filha de pequenos proprietários rurais – o filme acompanha e explora as mudanças da personagem, seus desejos e motivações dos 13 aos 17 anos.

**Elenco:** Andriele Rodrigues Soares, Sandra Mara Gularte Rodrigues e Alfeu Vargas Soares.



**HAMLET** | Porto Alegre - 87'28"

**Direção:** Zeca Brito

**Sinopse:** Em meio ao caos político no Brasil de 2016, os estudantes secundaristas se unem aos movimentos sociais, tomam as ruas em passeatas, protestos e reivindicações. Cobram o fim da desigualdade e denunciam manobras políticas. Diante de um iminente golpe de estado, o Jovem Hamlet tem de enfrentar seus maiores fantasmas, sua transformação em adulto e seu lugar na sociedade. Agir ou não agir? Enquanto as bombas explodem, o coração entra em chamas, o mundo exterior em ruínas e por dentro a construção da cidadania e a chegada da maturidade. Ser ou não ser?

**Elenco:** Fredericco Restori, Jean-Claude Bernardet, Marcelo Restor e Dilma Rousseff.



**O ACIDENTE** | Porto Alegre - 94'27"

Rio Grande do Sul - 119'40"

**Direção:** Bruno Carboni

**Sinopse:** A ciclista Joana sofre um estranho acidente, onde ela é carregada no capô do carro. Ela sai ilesa e decide esconder o ocorrido. Porém, um vídeo do acidente viraliza na internet e ela se vê obrigada a prestar queixas na polícia. Ela começa aos poucos a se envolver na vida da família que a atropelou.

**Elenco:** Carol Martins, Carina Sehn, Luis Felipe Xavier, Gabriela Greco e Marcello Crawshaw.

**SOBREVIVENTES DO PAMPA**

Porto Alegre - 94'27"

**Direção:** Bruno Carboni**Sinopse:** Quando um bioma apresenta mais da metade de sua área nativa devastada, as respostas para salvá-lo podem estar nas vozes, historicamente silenciadas, dos povos e comunidades remanescentes que habitam há séculos este território.**UM CERTO CINEMA GAÚCHO DE PORTO ALEGRE** | Porto Alegre - 107'01"**Direção:** Boca Migotto**Sinopse:** Este documentário aborda quarenta anos, e três gerações, de um certo cinema gaúcho. Portanto, é um filme sobre cinema. Mas não só. É também um filme sobre o Rio Grande do Sul e sua capital, Porto Alegre. Por isso, não deixa de ser, também, um filme sobre a América Latina e suas fronteiras.**SERVIÇO****Festival de Cinema de Gramado**

11 a 19 de agosto

*Palácio dos Festivais*

Av. Borges de Medeiros, 2697, Centro, Gramado / RS

*Acompanhe a programação em:*[www.festivaldegramado.net](http://www.festivaldegramado.net)Twitter: [@cinemadegramado](https://twitter.com/cinemadegramado)Instagram: [@festivaldecinemadegramado/](https://www.instagram.com/festivaldecinemadegramado/)Facebook: [/festivaldecinemadegramado/](https://www.facebook.com/festivaldecinemadegramado/)Youtube: [/festivaldegramado](https://www.youtube.com/festivaldegramado)**FESTIVAL  
DE CINEMA  
DE GRAMADO**



## MÔA, RAIZ AFRO MÃE

História de Môa do Katendê, assassinado por intolerância política, chega aos cinemas dia 3



Mestre Môa do Katendê

Foto: Divulgação

*Documentário sobre o músico e capoeirista conta com depoimentos de Gilberto Gil e BaianaSystem; distribuição é da O2 Play*



Gilberto Gil

Dirigido e roteirizado por Gustavo McNair, *Môa, Raiz Afro Mãe* conta a vida e trajetória do compositor, mestre de capoeira e símbolo de resistência cultural – considerado um dos responsáveis pela revolução do carnaval baiano com a ascensão dos blocos afro.

Em outubro de 2018, Môa do Katendê foi assassinado em um bar de Salvador, horas após o primeiro turno das eleições para presidente da República, devido a uma discussão relacionada à disputa eleitoral. O crime foi motivado pela forte intolerância política que estava em vigor nas eleições daquele ano.



BaianaSystem

Fotos: Divulgação

*Môa, Raiz Afro Mãe* começou a ser produzido antes da morte do mestre de capoeira, que chegou a gravar entrevistas para o documentário. Em complemento a seus relatos, a história do artista é contada por meio de imagens e depoimentos de figuras como Gilberto Gil, Letieres Leite, Lazzo Matumbi, BaianaSystem e Fabiana Cozza, entre outros.

Mais informações na rede social do filme:

<https://www.instagram.com/mestremoaraizafromae/>

Assista ao trailer aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=zqVcTdQ5BtQ>



Cortejo



Fotos: Divulgação

# Tosca em Concerto e a Musicoteca de Mário de Andrade no Theatro Municipal de São Paulo



Foto: Wilfredor / Wikipédia

*Com a participação da solista Carmen Giannattasio, vencedora do The Gramophone Award em 2011, a Orquestra Sinfônica Municipal e o Coro Lírico apresentam Tosca, uma das maiores obras de Giacomo Puccini, em formato de concerto.*

*A apresentação terá duas datas: 11 e 13 de agosto. No mesmo mês, resgatando o repertório de composições da musicoteca de Mário de Andrade, o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo passeia pela música brasileira apreciada pelo musicólogo modernista. O evento será no dia 24*

Para os amantes da música operística, na primeira metade do mês de agosto o Theatro Municipal de São Paulo estreia o espetáculo *Orquestra Sinfônica Municipal apresenta Tosca em Concerto*. A apresentação – nos dias 11, às 20h, e 13, às 17h - terá como foco a ópera em três atos de Giacomo Puccini, com libreto de Luigi Illica e Giuseppe Giacosa, com participação da Orquestra Sinfônica, regida por Roberto Minczuk, e do Coro Lírico. Os ingressos variam de R\$ 12 a R\$ 64 (inteira) e a duração é de 140 minutos, incluindo 20 minutos de intervalo.

Na ópera, o militante republicano em fuga Angelotti se esconde na igreja de Sant'Andrea della Valle, onde Mario Cavaradossi conclui uma pintura de Maria Madalena. O sacristão pondera que o retrato lhe lembra uma mulher que costuma orar ali. Cavaradossi diz para esta "beldade desconhecida" que pensa somente na sua amante, a cantora Tosca.

No concerto, a solista Carmen Giannattasio representará Tosca. Com inúmeras apresentações nas mais diversas casas de ópera da Europa como The Metropolitan Opera House, em Nova Iorque, e Teatro La Scala, em Milão, a solista conta com gravações para CD e DVD, entre elas, *Ermione*, vencedora do The Gramophone Award em 2011. Acompanhando Carmen estarão os solistas Leonardo Neiva, como Scarpia, e Atalla Ayan, como Cavaradossi.



Carmen  
Giannattasio  
Foto: Site da artista /  
Reprodução

Outro destaque do mês fica por conta do Quarteto da Cidade de São Paulo. O grupo fará um mergulho na musicoteca de Mário de Andrade, fundador do Quarteto. O espetáculo será no dia 24 agosto, às 20h, na Sala do Conservatório. No programa estarão *Quarteto em Ré*, de Silvio Motta, *Mitos e Palmares*, de Dinorá de Carvalho, e *Impressões Brasileiras*, de Gabriel Migliori. Assina a curadoria do repertório Maria Elisa "Milly" Pasqualini, mestre em musicologia e gerente da área de Musicoteca do Theatro Municipal. Os ingressos custam R\$ 32 (inteira) e o evento tem duração de 70 minutos.

## **EU DE VOCÊ**

### **PROGRAMAÇÃO ESPECIAL TEATRO NO THEATRO**

Ainda no início do mês, o Municipal de São Paulo apresenta *Eu de Você*, no dia 1º de agosto, às 20h. Idealizado e criado pela atriz Denise Fraga, é um espetáculo solo que, através de um humor cotidiano, mostra histórias reais, costuradas com pérolas da literatura, música, imagens e poesia. Ingressos de R\$ 15 a R\$ 30 e duração de 90 minutos.



Quarteto da Cidade de São Paulo Foto: Youtube / Reprodução

### PROGRAMAÇÃO ESPECIAL PARA MENORES

O Theatro Municipal traz para Sala do Conservatório o concerto *Coral Paulistano apresenta Kwat E Jaí – Acalantos Indígenas Para Bebês*. Será nos dias 11 e 12 de agosto, sempre em duas sessões: 11h e 14h30. Com Maíra Ferreira na regência, o concerto apresentará um espetáculo no qual crianças de 0 a 5 anos, junto a seus familiares e educadores, serão levados a mergulhar no universo da mitologia xinguana e nas canções de ninar dos povos indígenas, por meio da mistura das linguagens da música, do teatro e do audiovisual. A capacidade é de 100 pessoas e ingressos por R\$ 32 (inteira). Duração total de 45 minutos.

Anteriormente, no dia 09/08, será realizada na Cúpula do Theatro uma roda de conversa sobre o espetáculo com a diretora Clarice Cardell, as atrizes do espetáculo Fernanda Cabral e Jawi Kamayurá e a Pajé Mapulu. Serão abordados os mitos, cantos e rezas presentes na

apreentação, originários da cosmogonia do Alto Xingu. A roda de conversa terá duração de 70 minutos e os ingressos são gratuitos (por ordem de chegada e sujeito à lotação).

### SAMBA DE SEXTA

O tradicional *Samba de Sexta* retorna, no dia 25 de agosto, às 19h, com *O Berço do Samba de São Mateus*. Com quase 30 anos de existência, “O Berço do Samba de São Mateus” foi idealizado pelos irmãos Pessoas, Yvison, Everson e Victor, ex-integrantes do clássico Grupo de Samba Quinteto em Branco e Preto. O trabalho com compositores da região de São Mateus ganhou notoriedade com a gravação do primeiro álbum pelo selo Sesc que, além de recorde de vendas, gerou uma turnê por festivais internacionais. O evento é gratuito, realizado no vão da Praça das Artes, e tem duração de 90 minutos.

### SERVIÇO

#### **Theatro Municipal de São Paulo**

Praça Ramos de Azevedo, s/nº, Sé, São Paulo / SP  
Capacidade Sala de Espetáculos – 1503 pessoas

<https://theatromunicipal.org.br/pt-br/>

#### **Praça das Artes**

Avenida São João, 281, Sé, São Paulo / SP  
Capacidade Sala do Conservatório – 200 pessoas

<https://theatromunicipal.org.br/pt-br/praca-das-artes/>

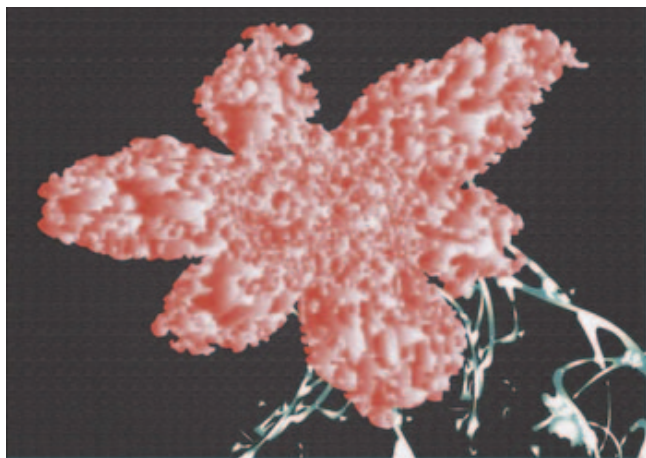
# GALERIA KUPFER, LONDRES, uma incubadora de talentos

Maria Hermínia Donato



Poder escrever sobre histórias de sucesso é muito bom, melhor ainda quando se conhece os protagonistas. Acompanhei o nascimento da Galeria Kupfer, no East of London, em 2017, idealizada por Penelope e Daniel Kupfer e Kiki Mazzucchelli.

Dias atrás, num final de tarde ensolarado, fui a inauguração do novo prédio da galeria, muitíssimo bem localizado na área de Shoreditch, para ver a exposição *Allow Cookies* e também entrevistar Penelope Kupfer, artista, curadora e diretora do espaço.



Exposição *Allow Cookies* Foto: Site da Galeria / Reprodução

### Como você, Daniel e Kiki decidiram abrir a Kupfer?

*Começamos a Kupfer com o propósito de aproveitar ao máximo o espaço disponível perto de casa – meu terceiro filho era recém nascido e teria sido impossível trabalhar em um estúdio mais distante, inclusive para Dani, como co-pai. Alugamos, então, um arco ferroviário (em Londres, a arquitetura embaixo das linhas de trem é composta por uma sucessão de arcos, que abrigam espaços adequados para a instalação de lojas,*

*galerias etc) disponível em frente a nossa casa. O local era muito grande e pensei utilizar parte dessa área para mostrar trabalhos de novos artistas. Em paralelo, eu conhecia a Kiki, minha filha mais velha e o filho dela estudavam na mesma escola e nos tornamos grandes amigas. Ela é uma curadora incrível, e havia entre nós, além do amor pela arte, uma conexão brasileira: meu companheiro nasceu no Brasil. Perguntei se ela gostaria de ser a curadora do espaço Kupfer e assim começamos. Sob sua liderança, aprendi muito e ampliei minha própria rede de artistas e curadores. Desde que Kiki voltou para o Brasil, no início do ano passado, administro o espaço junto com nossa gerente de galeria, Victoria Gyuleva.*

### O que é o manifesto da Kupfer e o que mudou em seis anos de existência?

*A Kupfer é um espaço para projetos e uma incubadora de talentos dedicada a ampliar as vozes de artistas emergentes e sub-representados, estimulando seu crescimento profissional. Acreditamos que a cultura inclusiva e diversificada tem uma força transformadora, e ajudamos os artistas a desenvolver suas carreiras em direção a uma prática sustentável. Entre as mudanças dos últimos seis anos, o número de exposições, por exemplo: a Kupfer fazia algumas mostras por ano; agora temos um programa contínuo que abre uma nova exposição todo mês. Além disso, oferecemos residências e workshops práticos, temos uma plataforma para negociar as obras de arte, uma forma de garantir a sustentabilidade dos artistas e permitir que continuemos nosso programa como um espaço sem fins lucrativos.*



Fotos: Divulgação

### **Ao longo desse tempo quais foram os aspectos desafiadores e gratificantes?**

*Gratificante é o feedback do público e o sucesso de nossos artistas, seja pelo desenvolvimento das obras ou até mesmo pela conquista de uma representação em uma galeria depois de trabalhar conosco. Desafiador é sempre o aspecto financeiro – como e onde obter os recursos necessários para realizar o que nos propomos. Mas somos resilientes e o sucesso do nosso projeto mostra que todo o trabalho árduo vale a pena! A Kupfer é uma organização que cria oportunidades para artistas desenvolverem uma rede de arte contemporânea inclusiva, diversificada, inspiradora e justa. Nos últimos seis anos, apoiamos as carreiras de mais de 100 criativos.*

### **Vocês oferecem um programa de residência e o 213 Kupfer. Fale sobre eles e como os artistas podem se candidatar a esses projetos.**

*O 213 Kupfer é um espaço ao ar livre que começamos durante o Covid, do lado de fora, perto dos arcos da ferrovia. Como é um espaço público, é muito experimental*

*e livre, e os artistas podem nos abordar com propostas. As residências na Kupfer são feitas caso a caso, desde o autofinanciamento por meio de patrocinadores ou colecionadores, até chamadas abertas para as quais arrecadamos fundos com o apoio do conselho do bairro de Hackney e também do Arts Council do Reino Unido.*

### **Trabalhar com artistas emergentes é menos lucrativo do que com artistas consagrados. Como vocês financiam a galeria?**

*Estamos solicitando financiamento para projetos com o Arts Council e outros subsídios disponíveis. Vendemos edições das obras e colaboramos com galerias comerciais em exposições e residências. No momento, aguardamos credenciamento para que a que a galeria seja reconhecida oficialmente como uma instituição sem fins lucrativos e procuramos diuturnamente patrocinadores para apoiar nossos projetos. Além disso, organizamos visitas a estúdios de artistas para colecionadores e eventos especiais, como jantares ou brunches durante as exposições.*





Exposição Mãe / Mothering

Foto: Divulgação

**Você pode falar sobre a *Allow Cookies*, a exposição que inaugura esse novo espaço, e os critérios usados para encontrar e abordar os artistas e curadores para suas exposições?**

*Allow Cookies* é uma exposição coletiva que explora a tensão entre manipulação e desejo, com trabalhos de doze artistas que se inspiram na cultura pop, publicidade, pornografia, desenhos animados, artigos de luxo e moda. Com pinturas, fotografias e esculturas, cada uma das obras brinca com a sensação (às vezes culpada, às vezes exuberante) de cumplicidade com a atração magnética do consumismo que define a vida contemporânea. Nesse caso, os curadores realmente nos preocu-

*raram! O local onde a mostra seria exibida foi cancelado de última hora, e quando conseguimos o novo espaço da Kupfer achamos que seria uma combinação perfeita para inaugurá-lo com essa exposição. Um grupo de jovens artistas emergentes de Londres, com curadoria de um trio de jovens curadores também emergentes.*

**Gostaria também que você falasse sobre seu projeto *Mãe/Mothering*, que aconteceu em Londres e São Paulo.**

*A maternidade é um terreno fértil, um solo abundante do qual pode florescer uma multiplicação de ideias e ações, incluindo meditações e respostas a questões de*

*liberdade, desejo, herança, interdependência, desigualdade, esperança, cuidado, poder, saúde planetária, direitos de reprodução e escolha.*

*Tenho pensado em uma exposição de artistas-mães para dar uma plataforma às mães que são desconsideradas no mundo da arte, principalmente por causa de seus deveres de cuidadoras. Quando visitei São Paulo, conheci Julia Morelli, da galeria 55SP, que adorou a ideia e combinamos uma colaboração, trocando artistas e realizando as exposições nas duas cidades, São Paulo e Londres. Recebemos alguns dos artistas do Brasil em Londres e vice-versa. Foi uma ótima experiência.*

### **O que a Kupfer pretende para o futuro?**

*Ser um local sustentável para os artistas desenvolverem, expandirem e exibirem seus trabalhos. Ampliar nossas colaborações internacionais com galerias e receber artistas do exterior em residências, além de apenas exibi-los. Como instituição beneficente, almejamos ter um conselho de patronos e um comitê cria-*

*tivo com embaixadores para minorias, abrangendo as áreas de maternidade, mulheres artistas latino-americanas, LGBTQIA+, indígenas e BAME (Black, Asian, Minority Ethnic). Queremos ainda expandir a colaboração com galerias comerciais que possam levar nossos artistas a feiras de arte para ajudá-los com sua sustentabilidade, networking e obtenção de representação.*

*O Leste de Londres desde os anos 70 é sinônimo de arte e criatividade. Abrir uma galeria nunca foi fácil, especialmente sem capital inicial ou conexões com o mundo da arte. Em meio a um clima hostil, não apenas aos espaços de galeria mas à própria essência da cultura independente, Kupfer é uma plataforma exclusiva para artistas.*

Realmente, uma história de sucesso.

### **Kupfer**

3 Scrutton Street  
London EC2A 4HF  
[www.kupfer.Co](http://www.kupfer.Co)

Venezuelan pavillion

Foto: Divulgação



Na página seguinte:  
Fachada  
Foto: Divulgação



Arte

Cultura

Gastronomia  
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra  
notícias boas*

**OXIGÊNIO**  
revista

Seus clientes  
ou sua empresa  
têm boas notícias  
para dar?

Então o lugar é aqui.

**ANUNCIE.**

Solicite nosso Mídia Kit.

[oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com)

(21) 3807-6497 / 97326-6868